



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÚCLEO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA E
DOCUMENTAÇÃO**



EDNAENE DE MENEZES

**BIBLIOTECA ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL ARMINDO GUARANÁ: A
INFLUÊNCIA DA ATIVAÇÃO EXPERIMENTAL DE SEUS RECURSOS
INFORMACIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DE LEITORES.**

**SÃO CRISTOVÃO
2014**

EDNAENE DE MENEZES

**BIBLIOTECA ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL ARMINDO GUARANÁ: A
INFLUÊNCIA DA ATIVAÇÃO EXPERIMENTAL DE SEUS RECURSOS
INFORMACIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DE LEITORES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Núcleo de Ciência da Informação da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e
Documentação com enfoque na linha de pesquisa:
Biblioteca Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari.

SÃO CRISTÓVÃO
2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M543b Menezes, Ednaene de
Biblioteca Escolar do Colégio Armino Guarani: a influência da
ativação experimental de seus recursos informacionais no
cotidiano escolar e na formação de leitores / Ednaene de Menezes
; orientadora Valéria Aparecida Bari. – São Cristóvão, 2014.
77 f. : il.

Monografia (trabalho de Conclusão de Curso em
Biblioteconomia) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

1. Biblioteconomia. 2. Biblioteca escolar. 3. Formação de
leitores. 4. Recursos informacionais. I. Bari, Valéria Aparecida,
orientadora. II. Título.

CDU: 027.8

**BIBLIOTECA ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL ARMINDO GUARANÁ: A
INFLUÊNCIA DA ATIVAÇÃO EXPERIMENTAL DE SEUS RECURSOS
INFORMACIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DE LEITORES.**

EDNAENE DE MENEZES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Núcleo de Ciência da Informação da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e
Documentação com enfoque na linha de pesquisa:
Biblioteca Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari.

Nota: _____

Data de Apresentação: 26.02.2014

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. MSc. Fernando Bittencourt (Membro Examinador Interno)
Universidade Federal de Sergipe

Profa. MSc. Márcia Ivo Braz (Membro Examinador Interno)
Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho a Ester, minha bondosa mãe, que sempre me ensinou bons princípios, o que acabou definindo meu caráter e minha personalidade. Sei que se ela “ainda” estivesse aqui estaria orgulhosa de mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço Àquele que é tudo em todos: **Deus**, por ter me concedido sabedoria e discernimento por intermédio de suas Santas Escrituras no período em que me dediquei a este trabalho, impedindo assim que eu ficasse perdida pelo caminho.

Ao amor de minha vida, **Bruna Rabêlo**, minha linda filha – por dentro e por fora. Por você ter suportado minha ausência me compensando com sua presença durante esse espinhento trajeto de dedicação exclusiva ao TCC. Pelo apoio, incentivo, cobranças e ordens dadas para sair do Facebook e terminar logo meu TCC. Obrigada Bruna, você foi o empurrão de que precisei, te devo essa. Voltei para você! Te amo!

À minha mais do que querida amiga e irmã, **Clese Meire**, por ter me dado um pouco de família, ter sempre me ouvido, aconselhado, por ter me emprestado sua casa enquanto estudava e me presenteado com uma sobrinha linda no meio dessa jornada, **Maria Lorena**. Sem você, **Clese** querida, eu não teria conseguido, pois os toques e retoques de sua amizade tornaram as coisas mais fáceis para mim.

A **Pablo Vinícius**, meu penúltimo sobrinho, que muito me ensinou com sua alma angelical, me fazendo experimentar sentimentos e momentos divinos.

A todos que me acompanharam na Academia chamada Universidade Federal de Sergipe: Valéria Bari e Cia Ltda.

Aos profissionais da área da Ciência da Informação que trabalham no Instituto Federal de Sergipe e que sempre me enobreceram com seus conhecimentos teóricos e práticos. Do muito que aprendi hoje ponho a culpa em todos vocês.

A todos os Santos dos Últimos Dias que nunca deixaram de acreditar em mim. Viva aos Mórmons! Amo todos vocês.

Sem vocês eu não teria conseguido mesmo!

Obrigada pelo tudo e pelo nada!

*Porque tu, SENHOR, és a minha
lâmpada; e o SENHOR ilumina as minhas trevas.*

*Porque contigo passo pelo meio de um esquadrão; pelo meu Deus salto
um muro.*

*O caminho de Deus é perfeito, e a
palavra do SENHOR refinada; e é o
escudo de todos os que nele confiam.*

*Por que, quem é Deus, senão o
SENHOR? E quem é rochedo, senão o
nosso Deus?*

*Deus é a minha fortaleza e a minha
força, e ele perfeitamente desembaraça
o meu caminho.*

(II SAMUEL 22:29-33)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo diagnosticar a influência da Biblioteca Escolar como fonte de recursos informacionais no ensino básico. Como ambiente social de observação do fenômeno estudado, foi selecionada a Escola Estadual Armino Guarani, localizada no município de São Cristovão-SE. A pesquisa foi desenvolvida sob a metodologia pesquisa-ação, de abordagem antropológica. A intervenção no ambiente social observado foi executada em três etapas distintas, no período de 90 dias. Na primeira fase, foi organizada e ativa a Biblioteca Escolar de um estabelecimento escolar público. Em seguida, foram iniciados os serviços bibliotecários básicos e observado o comportamento informacional de alunos, professores e comunidade escolar. O grupo de foco especialmente observado foi formado por três turmas de alunos do sexto-ano, período matutino. Os comportamentos observados foram registrados num diário, para posterior análise, mediante o referencial teórico previamente pesquisado. Como resultado da observação, foi apresentada nesse trabalho uma peça-chave para a mediação de leitura escolar e de lazer neste ambiente social observado, que é o professor, por ser ele o maior incentivador do hábito da leitura em seus alunos. O especialista ideal para desenvolver o trabalho profissional neste ambiente, junto aos professores, é o da área da Ciência da Informação, é destacado neste trabalho e está intimamente envolvido no processo. O problema no desenvolvimento desta parceria é a visão distorcida do professor em relação ao bibliotecário, pois a Biblioteconomia e Documentação é campo de trabalho especializado, tanto quanto a Educação, mas ambos têm sido desenvolvidos de forma leiga e amadorística no Brasil, gerando imagens profissionais empobrecidas.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Recursos Informacionais. Bibliotecário Escolar. Ensino Básico. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This study aims to diagnose the influence of the school library as a source of information resources in basic education, Escola Estadual Armindo Guaraná, located in the municipality of São Cristóvão (Sergipe State, Brasil), was selected as a social environment for observation of the studied phenomenon. Research was developed under the action-research methodology, an anthropological approach. The intervention in the social environment under observation was carried out in three distinct steps, in a 90 day period. In the first phase, a public school's library was organized and opened. Then basic library services were started and the information behavior of students, teachers and the school community were observed. The focus group that was especially observed was composed of three classes of sixth-year morning class students. Observed behaviors were recorded in a diary for further analysis, using the theoretical framework researched previously. As a result of observation, a key piece for the mediation of school reading and leisure in this social environment was presented: the teacher, who is the biggest supporter of students' reading habit. Information Science specialists, ideal for carrying out professional work in this environment together with teachers, are highlighted in this paper and are intimately involved in the process. An obstacle in developing this partnership is the distorted view of the teacher in relation to the librarian, as Library and Document Science are specialized fields along with Education, but both have been developed in lay and amateurish ways in Brazil, resulting in impoverished professional images.

Keywords : School Library. Information Resources. School Librarian. Primary Education. Elementary Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página de Rosto do Site do GEBE	21
Figura 2: Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo antes da intervenção.	22
Figura 3: Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo durante intervenção.	22
Figura 4: Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo durante intervenção.	23
Figura 5: Foto panorâmica da Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo.	24
Figura 6: Jardim Rosa Elze – expansão	25
Figura 7: Rodovia João Bebe Água.	26
Figura 8: Terminal Rodoviário Cidade Universitária.....	27
Figura 9: Mapa do Jardim Rosa Elze.	28
Figura 10: Escola Armino Guarani.	30
Figura 11: Escola Armino Guarani.	31
Figura 12: Galpão da Marno Submarinos, adaptado para o funcionamento do estabelecimento escolar.....	31
Figura 13: Registro da Escola Estadual Armino Guarani na Secretaria Estadual da Educação	32
Figura 14: Perfil: Leitor e Não Leitor – Retratos da Leitura no Brasil 2011.....	40
Figura 15: Quem mais influenciou os leitores a ler -- Retratos da Leitura no Brasil 2011.....	41
Figura 16: O que gostam de fazer em seu tempo livre – Retratos da Leitura no Brasil 2011..	42
Figura 17: Lugares onde costuma ler livros – Retratos da Leitura no Brasil 2011.	43
Figura 18: O que a Biblioteca representa – Retratos da Leitura no Brasil 2011.	44
Figura 19: O que a leitura significa – Retratos da Leitura no Brasil 2011.	45
Figura 20: Lê mais por prazer ou obrigação? – Retratos da Leitura no Brasil 2011.....	46
Figura 21: Exibição de Projeção na Biblioteca Escolar. – Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.	50
Figura 22: Acervo organizado e pronto para a consulta e leitura. – Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.	51
Figura 23: Duas arrumações de mobiliário na Biblioteca, para estudo ou para projeção. – Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.	52
Figura 24: Espaço destinado à Biblioteca Escolar em situação de completo abandono. – Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.	55
Figura 25: Livros de Tombo da Biblioteca Escolar	56
Figura 26: Execução de projetos de leitura na escola	59
Figura 27: Implantação do empréstimo domiciliar.	59
Figura 28: Registro de visita de alunos durante a arrumação da Biblioteca Escolar.	60
Figura 29: Leitura compartilhada na Biblioteca Escolar	61
Figura 30: Pátio do Galpão.	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Contexto Presencial de Aprendizagem de Leitura. Fonte: Roca, Glória Durban, 2012 p.29.	48
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD	Compact Disc
CDU	Classificação Decimal Universal
CEF	Caixa Econômica Federal
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRBs	Conselhos Regionais de Biblioteconomia
DVD	Digital Versatile Disc
EJA – F	Ensino de Jovens Adultos - Fundamental
EJA – M	Ensino de Jovens Adultos - Médio
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GEBE	Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar
g-GOOGLE	Geração Google
HQs	Histórias em Quadrinhos
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
Km	Quilômetro
NET GEN	Geração Digital
NUCI	Núcleo de Ciência da Informação
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
PIB	Produto Interno Bruto
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
SMTT	Sistema Municipal de Transporte e Trânsito
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
VHS	Vídeo Home System
WI-FI	Wireless Fidelity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Objetivos	15
1.2 Hipóteses Pesquisadas.....	16
1.6 Justificativa.....	17
1.7 Esquematização da Monografia	18
1.3 Metodologia e Procedimentos Metodológico	19
1.4 Atividades Técnicas Utilizadas na Pesquisa	22
1.5 Espaço Social de Observação.....	23
1.5.2 A Escola Estadual Armindo Guaraná.....	29
2.1 A Implantação da Biblioteca Escolar no Brasil	33
2.2 Os Atores e Educadores da Biblioteca Escolar	38
2.3 As Bibliotecas Escolares e os Indicadores de Leitura.....	39
3. NA BIBLIOTECA ESCOLAR SOB OBSERVAÇÃO	47
3.1 A Biblioteca da Escola Estadual Armindo Guaraná	49
3.2 Indicadores do Fenômeno Observado	51
4 ATIVANDO EXPERIMENTALMENTE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR	55
4.1 Comportamento Informacional Inicial da Comunidade Escolar.....	58
4.2 Alterações Culturais Provocadas Pela Pesquisa-Ação	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	71
ANEXO I.....	74
DÍÁRIO DE OBSERVAÇÃO PESQUISA-AÇÃO – BIBLIOTECA DA ESCOLA ESTADUAL ARMINDO GUARANÁ	74

1 INTRODUÇÃO

O conceito e a função da Biblioteca Escolar ainda se encontram perdidos em falsas concepções do quem vem a ser essa unidade informacional, que tem como uma de suas funções vitais, além das muitas existentes, a prática da leitura e da competência informacional, pouco difundida e praticada nesse século XXI, se comparada a seu fabuloso potencial como centro de recurso informacional. É preciso reconhecer que a função como centro de recursos é chave para que a Biblioteca Escolar seja vista como útil.

Sendo a Biblioteca Escolar parte componente da instituição escolar, ela é, muitas vezes esquecida pelos poderes públicos e por gestores das redes de ensino, o que causa a negligência no aprendizado e no desenvolvimento tanto pessoal quanto intelectual de seus usuários que são, a priori, os alunos das variadas redes educacionais.

Não é que a Biblioteca Escolar precise ser integrada à escola, até porque ela já é integrada desde as ideias iniciais desenhadas nos *croquis*¹ dos projetos das escolas. O problema real da Biblioteca Escolar é a sua implementação, ou seja, a passagem de um modelo desenhado para as estruturas sólidas. A Biblioteca Escolar deve participar ativamente do cotidiano das escolas, por intermédio inclusive das próprias práticas pedagógicas, uma vez que elas – as Bibliotecas Escolares – são geradoras de apoio pedagógico. Elas precisam não somente ser reconhecidas, mas simplesmente consideradas com uma função clara e definida, para que assim possam agir e contribuir para o desenvolvimento do projeto curricular e educacional da escola.

A pesquisa será realizada na Escola Estadual Armindo Guaraná, localizada na Cidade de São Cristovão, ao lado da Universidade Federal de Sergipe. Um grupo-foco será estudado durante visitas feitas à escola num período de três meses (novembro 2013 a janeiro 2014). Esse grupo-foco serão os alunos das três turmas de sexto ano do turno da manhã, onde os mesmos sofrerão ou usufruirão das consequências de uma pesquisa-ação realizada pela pesquisadora na escola, dentro de uma sala onde estão guardados todos os itens informacionais da instituição e que não são usados pelos alunos. Depois dessa pesquisa-ação, será feita uma observação com o objetivo final de apresentar um diagnóstico da influência da Biblioteca Escolar como fonte de recurso informacional entre esses alunos de sexto ano bem como as consequências dessa nova mudança, que será a passagem de uma biblioteca inativa a uma biblioteca ativa e com um profissional especializado da área à frente dela.

¹ A palavra *croqui* vem da língua francesa e significa um rascunho. Como é coloquialmente utilizada por arquitetos, engenheiros e projetistas de edificações e prédios, foi aqui incorporada ao texto desta monografia, no esforço de expor a ideia de que o espaço físico destinado à Biblioteca Escolar aparece no rascunho e desaparece no projeto final do edifício escolar.

A problemática da pesquisa partirá do viés de que não apenas a implementação da Biblioteca Escolar em um contexto escolar deverá ser trabalhada, mas sim estimulá-la tanto na teoria quanto na prática em seu uso constante pela comunidade à qual pertence como um centro de recursos informacionais, uma vez que é a Biblioteca Escolar é, por si só um recurso facilitador no processos de ensino e de aprendizagem.

Segundo a professora de artes e documentalista catalã Glória Durban Roca:

A Biblioteca Escolar representa um contexto de aprendizagem em que os alunos podem treinar, ao longo de sua escolarização, práticas de suas habilidades intelectuais e de leitura de acordo com objetivos distintos e finalidades diversas utilizando os múltiplos materiais que a biblioteca oferece. Logo, a Biblioteca Escolar se desenvolve como um contexto facilitador de um treinamento intelectual e emocional imprescindível que permitirá iniciar e fomentar nos alunos recursos básicos para seu desenvolvimento pessoal e social. (ROCA, 2012, p.30).

Aproveitando as considerações da autora espanhola e partindo dos pressupostos anteriormente enfatizados, a presente pesquisa norteou-se pelos seguintes questionamentos: quais são os benefícios de se usufruir de uma Biblioteca Escolar da rede pública de ensino devidamente estruturada, organizada e com um gestor da área da Ciência da Informação à sua frente? Que privilégios são oferecidos a alunos e professores que, juntos, frequentam a biblioteca da própria escola? É o professor quem provoca os alunos a utilizar a biblioteca? Ou seriam os alunos por si só os responsáveis pelo uso frequente da Biblioteca Escolar? É a Biblioteca Escolar com seus recursos informacionais uma colaboradora para a qualidade de ensino?

1.1 Objetivos

OBJETIVO GERAL

- Diagnosticar a influência da Biblioteca Escolar como fonte de recurso informacional entre alunos de 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual de Ensino;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as formas de acesso à informação entre os alunos do sexto ano da Escola Estadual Armindo Guaraná e Descrever a sala de leitura como espaço social e educacional, propício para a formação do leitor;
- Investigar as atividades desenvolvidas na sala de leitura da escola, correlacionando assim, a influência exercida pela sala de leitura no âmbito do poder informacional que a mesma exerce entre o grupo estudado e observado durante a pesquisa de campo;
- Investigar as formas de atendimento ao público na sala de leitura;
- Mostrar os pontos negativos da sala de leitura sem o profissional da área da Ciência da Informação e mostrar em contrapartida melhorias significativas por intermédio de uma visita de um bibliotecário formado à instituição;

1.2 Hipóteses Pesquisadas

Conforme afirmou Andrade (2005, p.143) “sendo a hipótese uma suposição que carece de confirmação, pode ser formulada tanto na forma afirmativa quanto na interrogativa”, o que nos leva à formulação da seguinte questão norteadora :

- Como as competências básicas se vinculam nos conteúdos das áreas e nos processos de ensino e aprendizagem? O aluno que lê, que pesquisa, que busca informação e a relaciona de forma crítica com outras informações procedentes de diferentes fontes é mais autônomo.

Andrade (2005, p.143) define que hipótese: “é uma solução provisória que se propõe para o problema formulado. Trata-se de solução provisória porque o desenvolvimento da pesquisa determinará sua validade: pode ser confirmada ou rejeitada.” E assim, baseada na definição da autora e de acordo com as finalidades da pesquisa, foram consideradas as seguintes hipóteses:

- Há necessidade de se esclarecer o “porquê” e o “para que” da Biblioteca Escolar a serviço da educação, uma vez que a mesma tem, dentre suas várias funções, a de auxiliar pedagogicamente alunos e professores.
- O professor é um elemento-chave constitutivo e imprescindível da qualidade do ensino, podendo ele ser o elo no caminho que leva o aluno à

biblioteca e vice-versa para que a biblioteca torne-se não apenas na teoria, mas também na prática, um recurso pedagógico eficiente no exercício de autonomia do pensamento e da capacidade de tomar decisões por intermédio do conhecimento advindo da leitura.

1.6 Justificativa

Fomentar a curiosidade significa apoiar e promover o desejo inato de saber e de conhecer – o desejo de descobrir e compreender. A Biblioteca Escolar oferece oportunidades concretas que geram um ambiente de aprendizagem, estabelecendo sentido por meio da interação comunicacional e oportunidades de contato com representações da realidade presentes em recursos expositivos ou materiais literários.

Percebendo que é a Biblioteca Escolar uma “mina de ouro” do conhecimento na forma de seus recursos informacionais e iniciadora da competência informacional, o trabalho justificou-se na necessidade de se realizar uma ação/intervenção, seguidas pela observação, avaliação e demonstração da potencialização que os recursos informacionais exerceram no apoio à prática docente.

O tema escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi impulsionado pelo interesse da autora nos assuntos referentes à formação do leitor, leitura escolar, leitura de lazer, competência informacional, bem como a gama de dado de recursos informacionais existentes dentro da Biblioteca Escolar, assim como a importância de seu uso pelos alunos estimulados por um intermediador que é o professor.

Além do interesse científico da pesquisadora e por questões de ordem prática, a pesquisa foi desenvolvida como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, na graduação pertencente ao Núcleo de Ciência da Informação – NUCI, da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

O trabalho desenvolvido, suas conclusões e recomendações poderão contribuir para uma maior valorização ao uso dos recursos informacionais existentes dentro da Biblioteca Escolar, estimulando assim a competência leitora, a competência informacional e a competência literária, hoje, imprescindíveis à formação do cidadão do século XXI.

1.7 Esquematização da Monografia

No primeiro capítulo, foram abordados: a introdução, seus objetivos, a importância do método para a pesquisa científica, além, é claro, da metodologia e dos procedimentos metodológicos; a problematização e os questionamentos iniciais, incluindo as hipóteses pesquisadas; vindo em seguida as atividades técnicas utilizadas na pesquisa, o espaço social de observação bem como o ambiente social onde foi realizada a pesquisa, abrangendo o bairro, instituição de ensino e sua unidade informacional e, fechando o capítulo um, a justificativa e esquematização da monografia. Foram explanados aqui, neste capítulo, as questões iniciais que deram sustentabilidade à pesquisa, desde a elaboração do problema inicial à observação implementada em determinado espaço social, trazendo assim respostas às hipóteses elencadas acima.

Ao capítulo dois coube a exposição do quadro teórico de referência, isto é, a fundamentação teórica atrelada ao tema e suas possíveis delimitações, desvendando assim as opiniões já existentes nos ramos da Educação e da Ciência da Informação com relação ao tema da pesquisa que é a Biblioteca Escolar.

Descritos no capítulo três estão as principais observações feitas em campo bem como os indicadores do fenômeno observado.

O quarto e último capítulo mostra as três etapas pelas quais passaram essa pesquisa de campo, finalizando o capítulo com um rápido questionamento da influência dos recursos informacionais na vida do aluno.

E em seu fechamento, são concedidas as considerações finais deste trabalho que foi alicerçado em pesquisa-ação e convertido em intervenção que levou à estruturação da presente monografia.

Como Anexo, foi adicionado o diário, com as anotações sobre o comportamento e os comentários advindos da observação do funcionamento da unidade de informação observada.

1.3 Metodologia e Procedimentos Metodológico

Para as autoras Marconi e Lakatos existe uma diferenciação entre “o método e os métodos”, segundo elas:

Método e métodos situam-se em níveis claramente distintos, no que se refere à sua inspiração filosófica, ao seu grau de abstração, à sua finalidade mais ou menos explicativa, à sua ação nas etapas mais ou menos concretas da investigação e ao momento em que se situam. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.88)

As mesmas Marconi e Lakatos (2010, p.88-96) esclarecem que o método de abordagem são assim discriminados: método indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético; e há também métodos de procedimentos, que seriam as técnicas usadas nas etapas mais concretas da investigação, sendo elas: método histórico, comparativo, monográfico, estatístico, tipológico, funcionalista, estruturalista, etnográfico, clínico e quadro de referência.

E este trabalho, por ter um “estilo participativo de pesquisa”, estilo esse classificado por Martins e Theóphilo (2009, p.72) como “pesquisa-ação” uma vez que foi executado por meio de uma intervenção na biblioteca da Escola Estadual Armindo Guaraná, ponderou-se que o método de abordagem que melhor se enquadraria à pesquisa seria o hipotético-dedutivo, por ser esse método, como definido por Andrade (2005, p.132) “lógico por excelência” e “fundamentado na observação”.

Com relação à escolha da técnica ou dos métodos de procedimentos, a opção que melhor se enquadrou à pesquisa foi a do método comparativo, seguindo sua definição:

Considerando que o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações, com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento. (MARCONI, LAKATOS, 2010, p.89)

Essa técnica ou método comparativo realiza comparações com a finalidade de verificar semelhanças e explicar divergências, uma vez que o objetivo da presente pesquisa-ação foi realizar uma intervenção, como já mencionada acima, na biblioteca da Escola Estadual Armindo Guaraná e, depois de feita a intervenção, houve a observação aos grupos estudados, tudo devidamente registrado no diário de observação durante as visitas realizadas na escola. Tudo para que se pudesse investigar a influência dos recursos informacionais existentes na biblioteca da escola entre os alunos e professores.

Essa intervenção, ou investigação-ação consistiu no manuseio físico e estratégico dos materiais que compõem a Biblioteca Escolar do colégio supra citado, uma vez que todo o material

lá existente está guardado dentro de caixas e não são usados justamente por não ter um profissional preparado para gerir e gerenciar o ambiente – biblioteca – e seus itens informacionais. Essa organização foi realizada por meio de visitas feitas durante três dias da semana num período de três horas e meia consecutivas, conforme a disponibilidade da pesquisadora, realizada no período da manhã na fase da investigação, mas em outros turnos enquanto durou a organização física da biblioteca e do acervo. Depois de devidamente organizada – tanto a biblioteca da escola como seus materiais informacionais – a mesma foi posta para funcionar e seu público alvo foi incentivado, levado e/ou induzido a frequentá-la.

O criador do termo pesquisa-ação segundo Mueller (2007, p.65) foi o psicólogo norte americano Kurt Lewin após o final da Segunda Guerra Mundial, mais exatamente no ano de 1946, quando publicou o artigo “*Action Research and Minority Problems*”.

Contudo, Mueller (2007, p.65-66) cita o renomado bibliotecário inglês Thomas Daniel Wilson como sendo “o primeiro a propor a aplicação” desse tipo de abordagem, a “Pesquisa-Ação para” a área da “Ciência da Informação” quando da publicação do artigo “*Recent Trends in User Studies: Action Research and Qualitative Methods*”, publicado na revista *Information Research* em março de 2000.

Ainda com relação à abordagem da Pesquisa-Ação utilizada no ramo da Ciência da Informação, Mueller concluiu que:

A Ciência da Informação é uma área de pesquisa caracterizada pela influência de várias disciplinas e pela predominância da pesquisa aplicada. Neste contexto, a abordagem Pesquisa-Ação passa a ser uma opção interessante que, quando utilizada de forma criteriosa, consegue equilibrar os objetivos da ação (problemática a ser resolvida) e da pesquisa (geração de conhecimento científico). (MUELLER, 2007, p.78-79).

Existe na pesquisa-ação o envolvimento de autor – da pesquisa – e atores sociais que se encontram reciprocamente implicados, conforme muito bem esplanado por Martins e Theóphilo (2009, p.73): “os atores na construção e resultados da pesquisa e o autor nas ações que irão orientar a pesquisa e seus achados. Autor e atores tendem a identificarem-se em uma só instância de planejamento e operações.” Na verdade a cadeia alimentar do resultado final procurado nessa investigação-ação, que é tentar provar ou não as hipóteses levantadas, tenderá a ser induzida ao sucesso ou ao frustrado fracasso na busca unilateral das respostas aos questionamentos levantados na hipótese da temática Biblioteca Escolar e o uso de seus recursos informacionais.

A Pesquisa-Ação tem sido definida como um tipo de investigação participante que tem como característica peculiar o propósito de ação planejada sobre os problemas detectados. Na Pesquisa-Ação os atores envolvidos “[...] participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos, identificando problemas coletivos, buscando e experimentando soluções em situação real. Consideram-se “atores” pessoas que dispõem de capacidade de ação coletiva consciente em um determinado contexto

social, organizadas tanto em grupos informais como em grupos formalmente constituídos (MARTINS E THEÓPHILO, 2009, p. 72)

Para avaliar a unidade de informação do Armino Guaraná no que tange a seu **espaço físico, acervo, serviços e atividades desenvolvidas**, foram utilizados os Parâmetros para Bibliotecas Escolares, encontrados no documento “*Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento*” elaborado no ano de 2010, em Belo Horizonte, pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar – GEBE – da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Figura 1: Página de Rosto do Site do GEBE. O gebe é uma fonte primordial nas pesquisas sobre Biblioteca Escolar no Brasil.

Fonte: Disponível em <http://gebe.eci.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13&Itemid=11>



Como descrito no próprio documento logo em sua página de introdução: “A elaboração destes parâmetros teve como ponto de partida a noção de que o termo “Biblioteca Escolar” designa um dispositivo informacional que:

Conta com espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar:

- O acervo;
- Os ambientes para serviços e atividades para usuários;
- Os serviços técnicos e administrativos;
- Possui materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários;
- Tem acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez;
- Fornece acesso a informações digitais (internet);
- Funciona como espaço de aprendizagem;
- É administrada por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar. (GEBE, 2010, p. 9)

Cada um desses itens será abordado cautelosamente mais à frente durante a realização da observação participante no campo.

1.4 Atividades Técnicas Utilizadas na Pesquisa

Cumpridas em três etapas distintas, as atividades técnicas adotadas nesta pesquisa foram as seguintes:

1ª Etapa – A organização de todo o acervo da Biblioteca Escolar do Colégio Estadual Armindo Guaraná, sendo que, ao chegar à biblioteca todo o material bibliográfico que lá existe se encontram encaixotados ou engavetados, como se pode ver nas fotos abaixo. Porém, para que a biblioteca possa funcionar e a pesquisa possa ser realizada, todos os itens serão organizados de forma que alunos e professores possam acessar esse material de forma rápida e fácil, como ordem de classificação baseada na Classificação Decimal Universal – CDU.

Figura 2: Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo antes da intervenção. Espaço e acervo da Biblioteca prestes a ser submetido às atividades técnicas da Pesquisa. - **Fonte:** Arquivo pessoal da Pesquisadora.



2ª Etapa – Foram levadas à Biblioteca Escolar reorganizada, as três turmas de alunos do sexto ano do turno da manhã, juntamente com seus professores para serem observados no processo de transformação e de experiências leitoras.

Figura 3: Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo durante intervenção. Primeiras visitas dos alunos ao espaço organizado, com uso espontâneo dos recursos do acervo. - **Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora.



3ª Etapa – Observação do que aconteceu nas visitas feitas à biblioteca, registradas no diário, detalhando os fatos e comportamentos ocorridos no espaço/ambiente, que forneceu os dados criados para a verificação das teorias existentes e possibilitou a redação monográfica do Trabalho de Conclusão de Curso.

Figura 4: Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo durante intervenção. Período de observação e anotação no diário, verificando comportamento informacional dos alunos e reações dos docentes e equipe escolar. – **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



As visitas de ação e de observação foram, depois de devidamente agendadas, realizadas na Escola Estadual Armindo Guaraná no período de 20 de novembro de 2013 a 6 de janeiro de 2014. Foram feitas em três dias da semana: às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, sempre no turno matutino, por ser esse o turno onde se concentram as três turmas de sexto ano que serão o foco desta citada observação. O horário disponibilizado das visitas foi das 7 às 10:30 da manhã.

1.5 Espaço Social de Observação

A prática da observação aconteceu na Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo, pertencente à Escola Estadual Armindo Guaraná, estabelecimento escolar que fica localizado à Avenida José Conrado de Araújo, sem número, Bairro Rosa Elze, na Cidade de São Cristovão/SE. A biblioteca da escola não funciona, primeiramente porque não tem nenhum bibliotecário em seu quadro de funcionários e segundo, por não ter nenhum outro funcionário com disponibilidade para que a mantenha aberta à comunidade escolar. A pesquisa foi o tempo todo acompanhada nesse

espaço de observação pela coordenadora pedagógica, que viabilizou as condições para que a pesquisa-ação fosse realizada.

Figura 5: Foto panorâmica da Biblioteca Silvana Nunes Ramiro Araújo. Este é o espaço destinado no balcão, onde se encontra instalada a Escola Estadual Armindo Guaraná, registrada durante sua organização. – **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.



1.5.1 O Bairro Jardim Rosa Elze

O Bairro Jardim Rosa Elze é uma zona urbana da cidade de São Cristóvão, composto de um conglomerado de condomínios, conjuntos habitacionais e de loteamentos, que compartilham seu espaço com uma área comercial e com a Cidade Universitária. Dentre esses conglomerados temos o de melhor infraestrutura que é o conjunto Eduardo Gomes, além do Lafayette Coutinho e Luiz Alves I e Luiz Alves II, Maria do Carmo e o Vilas de São Cristóvão. Entre os loteamentos estão o Madre Paulina, Tijuquinha, Jaçanã, Rosa Elze, Rosa Maria, Rosa do Oeste, Jardim Universitário, dentre outros.

Atualmente, o Rosa Elze é um verdadeiro canteiro de obras, com variadas construções que estão sendo erguidas não somente dentro do bairro como também ao seu redor. São construções habitacionais do Programa de Arrendamento Residencial – PAR financiadas pela Caixa Econômica Federal – CEF, bem como outras construções habitacionais financiadas por outros bancos de crédito residencial. Tem também construções do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, obras essas financiadas pelo Governo Federal. Outras construções que estão sendo erigidas no bairro são as de prédios de órgãos públicos da esfera estadual e federal.

Figura 6: Jardim Rosa Elze – expansão. Condomínios residenciais, que são boas soluções para o problema de moradia, mas sobrecarregam a estrutura urbana do bairro. – **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



Recentemente, foram entregues oito condomínios fechados de prédios e de prédios e casas. A Rodovia João Bebe Água, pista que liga Aracaju ao Conjunto Eduardo Gomes, foi duplicada há bem pouco tempo com recursos do Governo Estadual. No meio dessa pista nova foi instalada uma ciclovia, incentivando assim a mobilidade urbana. Essa mesma ciclovia é utilizada não somente pelos ciclistas como também por moradores da região que a utilizam como pista de caminhada ou de corrida.

O especialista em Gestão Urbana e Planejamento Municipal, Marcos Antonio de Azevedo Santana, publicou na edição de abril de 2012 do Jornal O Dia um artigo intitulado: *São Cristovão e o Grande Rosa Elze: o desafio da governança de duas cidades num só município*, onde o mesmo afirma que o Rosa Elze, que faz parte da Grande Aracaju, fora construído “de costas para a cidade sede do município”. E realmente constatamos que existe uma indiferença entre o bairro e sua sede municipal, pois: “somente em 1985 o governo estadual viria a iniciar a construção da Rodovia SE-065, denominada Rodovia João Bebe Água, ligando o Grande Rosa Elze à sede do município. Ou seja, antes disso não havia comunicação entre o bairro e sua sede municipal. (SANTANA, 2012).

Figura 7: Rodovia João Bebe Água. A atual conformação da Rodovia João Bebe Água, que disponibiliza ciclovia e comunica os habitantes do Bairro Jardim Rosa Elze com o centro da cidade de São Cristóvão, pois a prática centralizava a urbanidade na capital do estado, Aracaju. – **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



Essa falta de comunicação se devia a antigos e ainda atuais desafetos políticos do município contra o governo do estado e contra a capital, que de certa forma forçou ao povoamento do Jardim Rosa Elze sem a influência da sede do município de São Cristóvão.

Na verdade, as prefeituras de Aracaju e de São Cristóvão vivem em escondidas desavenças por causa dos territórios tanto do Jardim Rosa Elze (considerado expansão de Aracaju, tratado como Grande Rosa Elze), como também do Bairro Mosqueiro. E essas desavenças ficam explícitas quando analisamos quem explora o serviço de transporte público do Jardim Rosa Elze, o Serviço Municipal de Transporte e Trânsito - SMTT de Aracaju.

Figura 8: Terminal Rodoviário Cidade Universitária. O Bairro Jardim Rosa Elze serve, na prática, como dormitório e moradia de pessoas que convivem, trabalham e consomem na cidade de Aracaju, inclusive servido pelo Sistema de Transporte Municipal da cidade vizinha, como se fosse um bairro da mesma. – **Fonte:** Arquivo da Pesquisadora.



Por ficar a quatro quilômetros de distância da capital e a catorze de sua sede, segundo Santana (2012)

[...] a população economicamente ativa residente nesta região trabalha, consome e busca lazer em Aracaju gerando renda e ou tributos para os cofres da capital, mas, como é de direito, continua exigindo a prestação dos serviços públicos do município de São Cristovão.

Desavenças políticas à parte, podemos dizer que o Jardim Rosa Elze é realmente uma cidade dentro de outra cidade, pois, como citado por Santana (2012) em seu artigo, no ano de 2010 a população do Jardim Rosa Elze era de 46.267 habitantes, enquanto que a sede municipal e seus povoados totalizavam juntos 32.597 habitantes. Esta situação já levou à tentativas de emancipação desse bairro. Isso porque São Cristovão não presta assistência a seu grandioso bairro, tanto é que quando há alguma obra de infra-estrutura realizada nessa localidade, geralmente que banca as despesas são os cofres público do estado e não do município.

Segundo Santana (2012):

Em 1972, em decorrência do suposto déficit habitacional de Aracaju, foi iniciado o processo de ocupação do Grande Rosa Elze com a transferência de parcela da população de baixa renda de Aracaju, através da aquisição de lotes urbanos da empresa SEREP Empreendimentos, na área da antiga Fazenda Santa Cruz, localizada na margem direita do Rio Poxim, em território de São Cristovão e distante cerca de catorze quilômetros da sede do município.

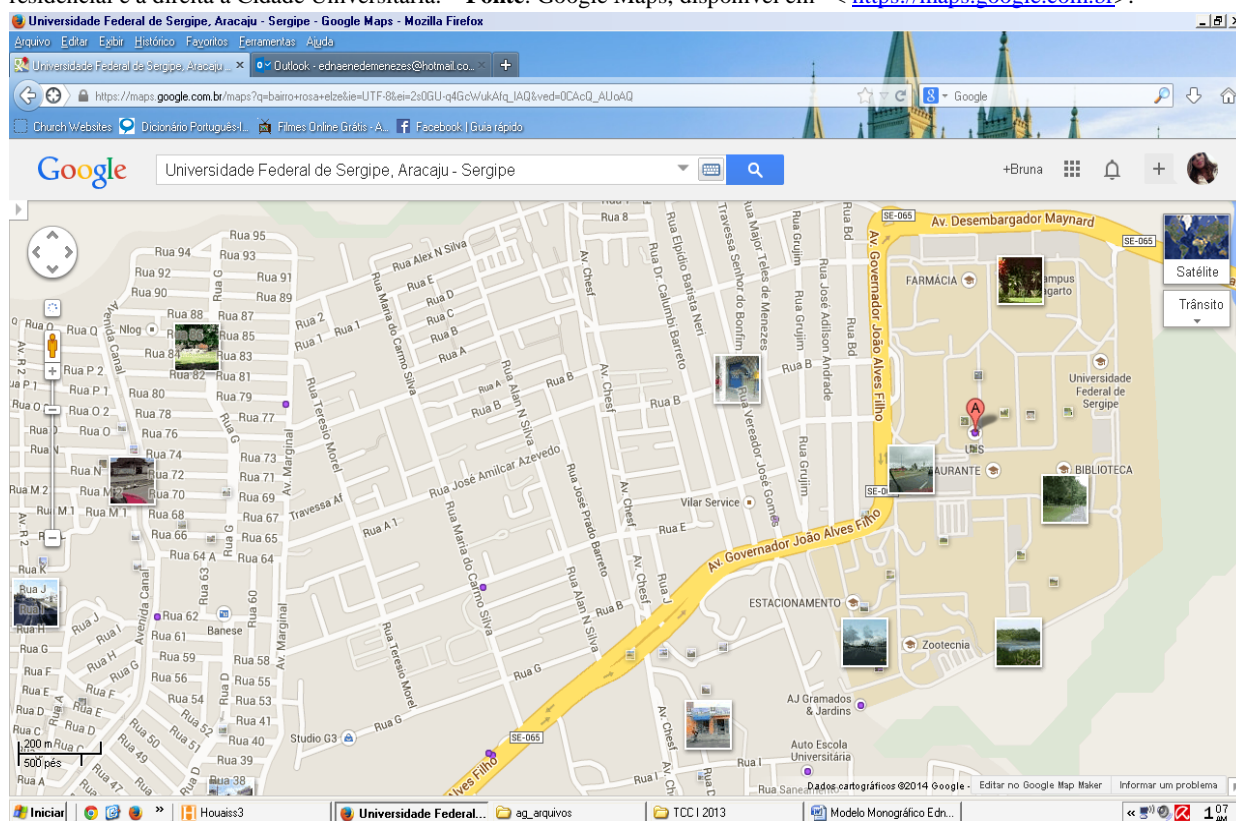
Ainda com relação à história do passado do Rosa Elze, Santana (2012) continua:

Imediatamente após a implantação do Loteamento Rosa Elze, pelo empresário José Prado Barreto, proprietário da empresa SEREP, novos empreendimentos imobiliários surgem nesta mesma região, dentre outros o Loteamento Rosa Maria e o Recreio Conrado de Araújo, iniciativas da senhora Rute Dulce de Almeida, viúva do ex-prefeito de Aracaju José Conrado de Araújo em terras de sua propriedade denominada Fazenda Quemdera. [...] Em julho de 1973 a UFS adquiriu parte da Fazenda Santa Cruz, cerca de 270 tarefas.

Segundo informações obtidas no Registro Imobiliário do Município de São Cristóvão, esta posteriormente comprou mais 16 tarefas de uma propriedade pertencente a Anedite Campos, cuja área era contígua àquela já adquirida. A partir de 1978 a UFS passou a adquirir lotes contíguos do Loteamento Rosa Elze. Note-se que, tendo adquirido uma quantidade de lotes significativos, a UFS se apropriou e incorporou ao seu patrimônio todo o arruamento confrontante dos lotes de sua propriedade. Em toda essa área adquirida pela UFS viria a ser construído e inaugurado em 1981, o Campus Universitário José Aloísio de Campos, se tornando um dos principais fatores de estímulo para o adensamento desta nova área de expansão de Aracaju que se espalhava nas terras do município de São Cristóvão.

Foi justamente a ideia de construir a Cidade Universitária Federal na região do Jardim Rosa Elze que contribuiu com o povoamento dessa região por cidadãos de outros municípios, agora estudantes universitários, e mesmo de servidores e professores vinculados à comunidade universitária.

Figura 9: Mapa do Jardim Rosa Elze. O mapa permite visualizar duas regiões diferentes no bairro, mostrando à esquerda sua área residencial e à direita a Cidade Universitária. – Fonte: Google Maps, disponível em < <https://maps.google.com.br> >.



Sendo o bairro Rosa Elze formado por pessoas que trabalham para sobreviver, em sua grande maioria assalariados e uma outra parte são aqueles que fazem “bico” para ajudar com as despesas domésticas, muitos deles não tem e não passam o hábito da leitura a seus filhos, sejam pelo fato de eles próprios não terem esse hábito ou seja pela “falta de tempo” alegada por alguns, percebe-se que seus filhos não são crianças ou jovens que tem dentro de si o interesse pela leitura.

E isso influencia nas características intelectuais que foram observadas em alguns alunos do Colégio Armindo Guaraná, ao se depararem com os livros e não terem demonstrado interesse pelo conhecimento que ali estavam sendo ofertados a eles.

Um dos propósitos dessa pesquisa é justamente reverter esse quadro e buscar dentro dos alunos a curiosidade e o interesse que são inerentes dos seres humanos e que são estimulados pelo saudável hábito da leitura.

1.5.2 A Escola Estadual Armindo Guaraná

O Estado de Sergipe, que é a menor Unidade da Federação, ocupa uma área total de 21.910 km². Em 2010 sua população foi recenseada em 2.068.017 habitantes, sendo ele o sexto estado menos populoso do país. Ao todo possui 75 municípios e a Secretaria de Estado da Educação divide esses 75 municípios em dez Diretorias Regionais juntamente com suas 368 escolas. Sendo assim, a Escola Estadual Armindo Guaraná está agregada à DRE8, que abrange oito municípios dentre os quais o de São Cristovão.

A Escola, que fora construída durante o segundo mandato do Governador José Rollemberg Leite – 1975-1979 – foi entregue à população no ano de 1977 e atendia na época somente aos alunos de primeiro grau. Três anos depois de sua entrega, durante o governo de Augusto Franco – 1979-1982 – a escola passou por uma ampliação em 1980. Já em 1981 foi construída e implementada a Unidade Pré-Escolar que até então não existia. Ainda durante o governo de Augusto Franco foi iniciada mais uma obra de ampliação na escola, sendo essa nova ampliação concluída e entregue à população por seu sucessor, o governador Djenal Tavares de Queiroz no ano de 1982. Em 1988, durante o governo de Antônio Carlos Valadares, a escola passou por uma recuperação. Em 1995, no governo de Albano do Prado Franco, a escola que tinha sido entregue à comunidade no mês de agosto havia passado por uma nova recuperação em sua estrutura física.

O Colégio recebeu esse nome em homenagem ao sancristovense Manoel Armindo Cordeiro Guaraná, que foi um incentivador da produção intelectual no estado. Autor do Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano, obra monumental de 1925, que reúne mais de 640 biografias dos mais ilustres sergipanos, detalhadas dentro e fora de Sergipe, como um testemunho para a posteridade. Nascido em São Cristovão em 04 de agosto de 1848, Guaraná bacharelou-se em Direito no Recife, em 1871, participando do ambiente cultural que Tobias Barreto enriqueceu com sua presença de gênio. Dedicou-se ao jornalismo, a política, a magistratura e a história, elaborando

diversos trabalhos como jornais, revistas, publicações periódicas, etc. Exerceu o cargo de promotor público em São Cristóvão e em Aracaju, foi também secretário da Província do Ceará, desembargador, chefe da polícia, dentre outros cargos que exerceu. Morreu em Aracaju em 10 de maio de 1924.

Figura 10: Escola Armindo Guaraná. Muros externos da Escola Estadual Armindo Guaraná, estabelecimento escolar que atualmente encontra-se em reformas, a fim de proporcionar ao grande número de alunos as condições adequadas de educação infantil e fundamental. – Fonte: Arquivo da Pesquisadora.



O Colégio possui uma área de 11.200m² sendo que de área construída são apenas 1.240m². Conta com 13 salas, sendo duas delas da pré-escola conjuntada a dois banheiros infantis. Tem uma cozinha, um depósito, um refeitório, dois vestiários, sendo um masculino e o outro feminino; três salas para acomodar a secretaria além de uma espaçosa área livre para o horário de recreio/intervalo. Os livros ficam guardados dentro de umas das salas, onde antigamente funcionou a pré-escola, uma vez que a oferta de educação infantil não é mais feita por este estabelecimento.

A escola fica numa posição estratégica, porem o prédio foi construído nos fundos do terreno, ficando o mesmo um pouco escondido da pista. À sua direita fica o Campus Universitário da Universidade Federal de Sergipe, à esquerda o prédio do Sergipe Parque Tecnológico, aos fundos fica a Comunidade do Jardim Universitário e à sua frente fica Rodovia João Bebe Água, pista principal do Rosa Elze que dá acesso à sede do município.

No início de setembro de 2013, foi anunciada à população mais uma reforma para a escola, que deveria levar seis meses para ser concluída. Os recursos para essa reforma são oriundos dos governos Federal e Estadual e totalizam um valor de R\$ 905.831,62. Essa reforma já se encontra em seu sexto mês e não tem posição informada sobre o seu término.

Figura 11: Escola Armindo Guaraná. A reforma em andamento no estabelecimento escolar não cumpriu o prazo previsto. Enquanto isso, as atividades escolares são desenvolvidas em um galpão industrial. – **Fonte:** Arquivo da pesquisadora.



Devido à nova reforma, a escola está funcionando no galpão de uma antiga - hoje extinta – empresa que prestava serviços para a Petrobras, a Marno Submarinos, distante trezentos metros do prédio da escola.

Figura 12: Galpão da Marno Submarinos, adaptado para o funcionamento do estabelecimento escolar. Galpão onde funciona a Escola Estadual Armindo Guaraná, no período de reforma de seu prédio. - **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



A equipe gestora da escola é composta por uma diretora: Cláudia Rejane da Silva Aragão; duas coordenadoras: Maria de Lourdes Silva Santos e Kiara Roqueline Lima Costa Ferreira, responsáveis pelos turnos diurno e noturno respectivamente; uma secretária escolar: Isa Valéria Santos da Silva. O corpo docente é formado por 45 professores – todos devidamente concursados – trabalhando nos três turnos. Há uma média de mais ou menos 20 funcionários na parte de apoio. Seu horário de funcionamento é das 7 horas da manhã às 22 horas da noite. Segundo as fontes oficiais do Senso Escolar, o estabelecimento declara que possui Biblioteca Escolar. Porém, a observação inicial já constatou que nem ao menos uma sala de leitura estava

disponibilizada aos alunos. De fato, a coleta dos dados não formula ou utiliza parâmetros, para que os respondentes saibam o que caracteriza uma Biblioteca Escolar, de modo que um armário cheio de caixas pode ser assim considerado.

Figura 13: Registro da Escola Estadual Armindo Guaraná na Secretaria Estadual da Educação. Informações divulgadas pela Secretaria do Estado da Educação de Sergipe indicam a Biblioteca Escolar estruturada no estabelecimento pesquisado, quando a observação no local verificou uma não conformidade desta informação. – **Fonte:** Portal da Educação do Governo do Estado de Sergipe, disponível em <<http://www.seed.se.gov.br/>>

Equipe Diretiva da Escola

Cargo	Nome
Diretor(a)	CLAUDIA REJANE DA SILVA ARAGÃO
Coordenador(a)	MARIA DE LOURDES SILVA SANTOS
Coordenador(a)	ISA VALERIA SANTOS DA SILVA
Coordenador(a)	KIARA ROQUELINE LIMA COSTA FERREIRA
Secretário(a)	CLAUTENES REGINA QUERINO

Estrutura da Escola

Item	Disponível	
Internet	✗	
Laboratório	✗	
Quadra Poliesportiva	✗	
Biblioteca	✓	
Sala de Reforço	✗	
Sala de Recursos	✗	
Oficina	✗	
Laboratório Científico	✗	
Área do Terreno	✓	11.200 m2
Área Construída	✓	1.240 m2

Voltar à página anterior

GOVERNO DE SERGIPE
SEED- Secretaria de Estado da Educação
Rua Gutenberg Chagas, 169 - DIA - CEP: 49040-780 - Aracaju - SE - CNPJ: 13.128.798/0014-18

Rede Estadual - Port... TCC I 2013 Modelo Monográfico Edn...

A escola tem capacidade para 1000 alunos, sendo que atualmente conta com um total de 755 matriculados e a maioria estuda no turno da tarde, segundo informação da coordenadora pedagógica. No período da manhã são atendidos os alunos do terceiro ao oitavo ano do Ensino Fundamental; no turno da tarde é a vez dos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio. O turno da noite fica por conta dos Supletivos: Ensino de Jovens Adultos Fundamental – EJA-F, e Ensino de Jovens Adultos Médio – EJA-M.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL

O objeto de estudo do referido trabalho é composto da unidade de informação conhecida como Biblioteca Escolar, unidade essa que é tida como ambiente informacional que serve como âncora e suporte para o desenvolvimento e estabelecimento além da promoção da cultura da escrita e do desenvolvimento do letramento e da competência informacional no âmbito escolar, conforme as necessidades educacionais da escola.

O ponto-chave desse trabalho é enfatizar a questão da Biblioteca Escolar brasileira, como um recurso informacional estratégico de suma importância no contexto educacional, proporcionando ambiente de formação do leitor e disponibilizando recursos informacionais que estão inseridos como determinantes das competências básicas do currículo escolar, conforme nos é esclarecido pela documentalista catalã Glória Durban Roca (2012, p.7): “a competência leitora, a competência informacional e a competência literária, totalmente imprescindíveis para a formação dos cidadãos do século XXI.”

2.1 A Implantação da Biblioteca Escolar no Brasil

Pesquisando a literatura especializada, percebemos que os primórdios da Biblioteca Escolar no Brasil datam de quarenta e nove anos depois do início da colonização portuguesa. Sua implantação inicial foi no estado da Bahia, por volta de 1549 e veio juntamente com os colégios de ordem religiosa, em especial os colégios jesuítas, chefiados pelo Padre Jesuíta Manuel da Nóbrega. Com o objetivo de instruir os índios nos princípios de matéria religiosa – a catequese – e de instruir colonos, as Bibliotecas Escolares da época estiveram sempre relacionadas a uma instituição: a Igreja Católica.

Com o passar dos anos, outras ordens religiosas, como os Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas surgiram e se expandiram, não apenas na Bahia como em outras capitanias do Brasil Colônia, introduzindo seus colégios e estruturando suas Bibliotecas Escolares para atenderem com satisfação a busca de informação de seus usuários. A força desses colégios religiosos na construção das Bibliotecas Escolares estendeu-se expressivamente até o final do século XVIII, quando começa sua decadência em meados do século XIX.

Já no Governo Imperial, devido à ascensão do ideal iluminista que se contrapunha à ideologia da Igreja Católica, uma Circular datada de 19 de maio de 1835 é introduzida pelo reformista Marquês de Pombal, proibindo o noviciado, executando assim a sentença de morte para

os conventos no Brasil, apesar de algumas ordens religiosas resistirem, mas sem sucesso contra a proibição do noviciado imposta pelo Marquês. Com a decadência dos conventos devido à censura de Pombal, as Bibliotecas Escolares foram abandonadas e seus acervos começaram a se autodestruir tanto por motivos de ordem natural – umidade, insetos, oscilações da temperatura tropical – quanto pela falta de pessoal para cuidar do acervo.

Silva (2011, p.493) ressalta que:

[...] com as decadências dos colégios religiosos, é possível identificar outras escolas que surgem, visando a educação do ensino formal. Porém, essas escolas e suas Bibliotecas Escolares, embora com influências religiosas estavam muito voltadas para estudantes (público infantil, adolescente, além de pais e responsáveis).

O fim do século XIX e o início do século XX dão à Biblioteca Escolar uma nova roupagem, configuração, ganhando destaque as Bibliotecas Escolares dos colégios particulares, onde só estudava a elite brasileira.

De seus primórdios – meados do século XVI - até o início do século XIX a Biblioteca Escolar atendia unicamente ao público noviciado na Igreja Católica ou a elite econômica. Somente a partir da década de 70 do século XIX é que as bibliotecas deixaram de dar ênfase apenas às doutrinas católicas e protestantes, com seu acesso limitado apenas àqueles que tinham status econômico e social mais elevado e aos religiosos, e começaram a adquirir a noção que tem hoje: aberta a públicos diversificados.

Em 1930, a Biblioteca Escolar foi legitimada no sistema de ensino, conquistando assim, um novo espaço no século XX por força de algumas reformas educacionais realizadas por Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira.

Na década de 1940, durante o período político conhecido como Era Vargas, onde havia sido instituído o Estado Novo, o Ministro da Educação, Gustavo Capanema, criou as Leis Orgânicas Federais do Ensino Primário, do Ensino Secundário e do Ensino Normal, entre outras medidas que ficaram conhecidas como a “Reforma Capanema”. O objetivo dessas leis era estabelecer uma política nacional única para a educação no país e para as Bibliotecas Escolares do século XX estavam incluídas nesse processo de reforma educacional. Porém, ainda levaria tempo para que esta e outras legislações brasileiras efetivamente representassem a necessária implantação das bibliotecas nos estabelecimentos escolares.

A década de 1950 foi a que a Biblioteca Escolar se destacou no estado de Santa Catarina e se tornou um marco para a Educação no Brasil, uma vez que o estado procurou instituir procedimentos legais e pedagógicos para sua consolidação. O modelo de administração, contudo, não gerou uma tendência em outros estados brasileiros. Nos trinta anos seguintes, até o início da década de 1980, as Bibliotecas Escolares perdem seus espaços para as Bibliotecas Públicas,

devido à falta de uma política nacional que pudesse compor um conjunto de ações integradas entre os diversos tipos de bibliotecas.

Nas décadas de 1990 e na primeira década do século XXI, surgem tímidas políticas para o desenvolvimento das Bibliotecas Escolares brasileiras:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), ambas enfatizam a Biblioteca Escolar como espaço de aprendizado e estímulo à leitura e ao aprendizado, mas não regulamentam sua implantação.
- O Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE (1997), voltado para a distribuição de livros, não verifica a utilização dos acervos, nem avalia sua utilização nas escolas contempladas.
- O Manifesto da UNESCO/IFLA para Biblioteca Escolar (1999), recomenda diretrizes que somente terão viabilidade mediante investimentos públicos, mas o governo brasileiro não destinou orçamento específico até os dias atuais.
- A Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003, responsável pela instituição da Política Nacional do Livro, delega poderes específicos aos estados e municípios, cujos governantes não priorizaram a implantação de regulamentações e programas locais.
- A Lei 12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, um tipo de plano decenal que não explica claramente como serão os procedimentos da implantação das Bibliotecas Escolares e especifica poucos parâmetros acerca de seu funcionamento.

Fazendo referência a essas leis, Silva enfatiza que: “além do acervo e seus suportes documentais, a Biblioteca Escolar deve atender a uma intencionalidade política e social” e finaliza afirmando que:

[...] a intencionalidade política e social está representada na disponibilização de serviços de aprendizagem e nos livros e recursos que permitam aos membros da comunidade escolar a tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em diferentes suportes e meios de comunicação. (SILVA, 2011, p.500)

Políticas relacionadas às Bibliotecas no Estado de Sergipe, apesar da legislação estadual existente, pode-se dizer que “nasceram dia desses e estão ainda engatinhando”, se comparadas às suas primas-irmãs a nível de Brasil, que foram legitimadas desde 1930. O governo estadual só passou a enfatizar a questão das bibliotecas com políticas públicas em nosso estado a partir de 1990, com o então governador Antonio Carlos Valadares, aprovando a Lei Estadual 2.824. Em 2009, o governador Marcelo Déda sanciona a Lei 6.580.

A primeira lei a nascer, isto é, a primogênita, a Lei 2.824, data de 16 de julho de 1990 e dispõe sobre a obrigatoriedade daquilo que tem sido enfatizado ultimamente a nível federal, que

é a obrigatoriedade “do construir e do manter” Bibliotecas Escolares. A lei diz que as bibliotecas deverão ser administradas por profissionais da área da Ciência da Informação nas escolas da Rede Estadual, ingressando por intermédio de concurso público.

Mas, assim como todo o arsenal de leis que existem no país, é esta só mais uma que ajuda a transformar o Brasil de “leis”, de muita teoria e de pouca prática. Na verdade, sequer existem códigos de vaga na carreira pública estadual sergipana para Bibliotecários. Por outro lado, não se justifica fazer concurso público se não existe sequer Biblioteca Escolar, a não ser umas poucas salas onde são guardados livros, com aparelhos eletrônicos velhos, materiais de limpeza, cadeiras e carteiras velhas ou quaisquer outros objetos velhos que a escola não use mais. Na verdade, aquilo que era para ser a Biblioteca torna-se um depósito de tralhas e de coisa inutilizadas.

Podemos ver esse descaso somente ao ponderar o que diz o texto da Lei 2.824/1990, em seus artigos primeiro e quinto:

Art.1 – É de natureza obrigatória, a implantação e funcionamento de bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino de 1º e de 2º graus, administrados pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia.

Art.5º - Competirá ao Poder Executivo, através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, dotar as bibliotecas de uma quantidade satisfatória de livros, por área de concentração científica, tomando por parâmetros de proporcionalidade o número de alunos por escola. (LEI 2.824, 1990 p.1)

Desde o artigo primeiro já percebemos que o termo “obrigatório” é irreal, pois a realidade prova que nem “implantação” e nem “funcionamento” de Bibliotecas Escolares jamais existiram. Do artigo quinto, a expressão “dotar a biblioteca” de “livros”, também se trata de utopia, pois não se alimenta, se renova ou se atualiza aquilo que não existe.

A segunda lei criada em Sergipe data de 07 de abril de 2009, é a Lei 6.580, que dispõe sobre a criação da Política Estadual do Livro. Muito do seu texto é baseado na Lei 2.824. Nesta, o governo sancionou e instituiu a data de 7 de abril como o Dia Estadual do Livro e da Literatura. E deu certo realmente, esta foi uma ideia que conseguiu sair do papel, apesar de muitas escolas desconhecerem esta data comemorativa. A lei determina e incentiva algumas coisas como por exemplo a difusão do livro, campanhas em prol da formação de leitores, obras adquiridas para atualização dos acervos, verbas destinadas às Bibliotecas Escolares para a aquisição de livros, cronogramas de compras, dinamizar e democratizar o livro e seu uso mais amplo, promover o hábito da leitura, apoiar entidades que tenham por objetivo a divulgação do livro, etc. No entanto, dezenove anos depois de criada e sancionada a Lei 2.824, esta Lei 6.580, em seu artigo vinte, declara que:

Art.20. Todas as escolas da rede pública de ensino deverão manter uma biblioteca, cujo acervo será destinado à comunidade escolar, de acordo com a Lei 2.824, de 18 de julho de 1990. (Lei 6.580, 2009, p.4).

Então concluímos que nesses dezenove anos, a lei não saiu do papel. Percebemos que houve um reforço do que manda a lei, mas que são elas apenas “letras mortas” que não têm forças ou possibilidades de saírem do papel.

Ao final desta análise, pudemos perceber que tanto a Biblioteca Escolar sergipana como a Biblioteca Escolar brasileira passam por sérios problemas de “saúde”, uma vez que as mesmas são esquecidas pelas políticas públicas e desvalorizadas pelas instituições de ensino na qual se encontram inseridas. Mas esse estado de saúde debilitado em que se encontram as Bibliotecas Escolares é reflexo de sérias degradações sofridas no passado e que permanecem ainda hoje numa batalha travada entre a utopia e a realidade.

Segundo Milanesi (2002, p.53) a informação é “bem desejável e adquirível como alavanca social e condição fundamental para o desenvolvimento da sociedade” e sabemos que a Biblioteca Escolar é uma das tutoras dessa alavanca social, pois o mesmo Milanesi (2002 p.54) afirma que “informação é poder” e finaliza sua afirmativa dizendo que “os mais fortes são aqueles que sabem mais”. Esse crescimento social advém de um trabalho em conjunto formado por instituições escolares, apoio e atenção política e por último, os profissionais educadores que são professores e bibliotecários unindo forças para levar o conhecimento a um público-alvo: os alunos e demais partícipes da comunidade escolar.

A Biblioteca Escolar é um ambiente que proporciona oportunidades de aprendizagem, crescimento, maturidade intelectual, poder de discernimento, além do senso crítico com sua própria visão de mundo e sua própria inserção na sociedade em que vive. A Biblioteca Escolar precisa urgentemente começar a funcionar, ter seu próprio espaço e seu papel como uma auxiliar na vida escolar, tanto de alunos quanto de professores e gestores. Ela precisa ter à frente um Bibliotecário devidamente graduado, para que assim possa com plenitude exercer seu papel de disseminadora da informação.

No Manifesto IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar (1999) lemos que a Biblioteca Escolar é essencial a qualquer tipo de estratégia a longo prazo no que diz respeito a competências à leitura e escrita, educação e informação e desenvolvimento econômico, social e cultural. A realidade dessa unidade informacional mostra que esse “essencial” hoje é banalizado no Brasil, pois as Bibliotecas Escolares são esquecidas, não tem lugar para funcionar dentro da instituição escolar e não existe o profissional da área, ou seja, o Bibliotecário para conduzi-la ao almejado sucesso. É estabelecida naqueles lugares “mofados” ou “apertados” que servem como depósito de materiais de limpeza, coisas velhas ou quebradas da escola e é aí nesse local que se acumulam de modo desordenado os preciosos recursos informacionais em seus variados suportes,

perdendo assim seu tempo útil de vida e sua maravilhosa utilidade caso estivessem sendo tratados e utilizados pela comunidade escolar.

2.2 Os Atores e Educadores da Biblioteca Escolar

O caminho que leva a informação ao pesquisador necessita de um intermediário, isso é fato. E esse intermediário que levará os escolares às suas primeiras pesquisas na vida é um educador. Mas por que se faz necessária essa intermediação entre a informação e o pesquisador? MILANESI tentou responder a essa pergunta ao afirmar que:

A grande dificuldade é o alto grau de complexidade nas relações com os usuários. Aquele que se volta para atuar nesse campo, intermediando informação e o processo educacional, deve, necessariamente, compreender muito bem a criança e o adolescente. (MILANESI, 2002, p.64)

Num relacionamento entre pessoas, deve existir compreensão mútua entre as partes. Deve haver um intermediador ou um remediador que busque tornar claro e sem interferências o caminho que conduz às dúvidas e aos questionamentos do pesquisador/leitor facilitando assim a obtenção e compreensão daquilo que se busca saber.

Ensinar exige pesquisa, assim declarou Freire (2010, p.29), ao afirmar que “não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino.” Excelente afirmação essa de nosso então considerado patrono da Educação Brasileira, o pensador, filósofo, educador e pedagogo Paulo Freire. Baseado nas palavras desse nosso intelectual, percebe-se que ensino e pesquisa necessitam de ator e de autor, além, é óbvio, dos figurinos dessa peça, que são os nossos itens bibliográficos, fontes de informação que irão completar a peça final: ensino versus pesquisa.

Pode-se definir o ator como o aluno em busca da informação. Por outro lado, autor pode ser tido como o educador, que direcionará seu pesquisador na busca por suas respostas desejadas para atender suas pesquisas. Seriam esses autores dois profissionais educadores: o professor – da área da Educação – e o Bibliotecário – da área da Ciência da Informação. São eles os protagonistas necessários à escola, dentro e fora da Biblioteca Escolar.

Esses dois educadores estão inseridos indelévelmente na relação ensino-aprendizagem e essa inserção só tem a dar bons frutos àqueles que são seus alvos: os estudantes/pesquisadores, atores que buscam conhecimento. Milanesi (2002, p.57) afirmou que o fato de uma criança ir a uma Biblioteca Escolar “é o mais importante investimento uma vez que o cidadão futuro que ali está molda-se em função dos estímulos que recebe” e esses estímulos advêm primeiramente da

sala de aula na pessoa do professor que irá ensinar e estimular seu aluno a buscar conhecimento na unidade informacional da escola.

Depois de estimulado/incentivado pelo professor, o pequeno pesquisador passará assim para a fase seguinte que é a visitação à Biblioteca Escolar, onde será recebido e orientado por um outro educador, dessa vez representado pelo profissional Bibliotecário, que iniciará assim o processo denominado de competência informacional.

É a escola um espaço de exercício de cidadania e à medida que os profissionais que dirigirão os alunos à descoberta e ao conhecimento dessa cidadania negligenciam a posse desse conhecimento, relutando a não indução dos escolares ao reconhecimento de seus direitos mais básicos, esses profissionais estão oprimindo, massacrando e empobrecendo os pequenos cidadãos, contribuindo assim para a ascensão de uma sociedade de incultos e escravizados pela falta de conhecimento, pela ausência de aprender a desejar o conhecimento que está além do universo escolar.

Muitos são os jovens estudantes que já não aspiram, por se encontrarem anestesiados em suas perspectivas pelo imobilismo, pelo finito, pelo imutável, enfim, pela desesperança em ter uma vida de conhecimento e de poder, conforme indicado na obra de Milanese.

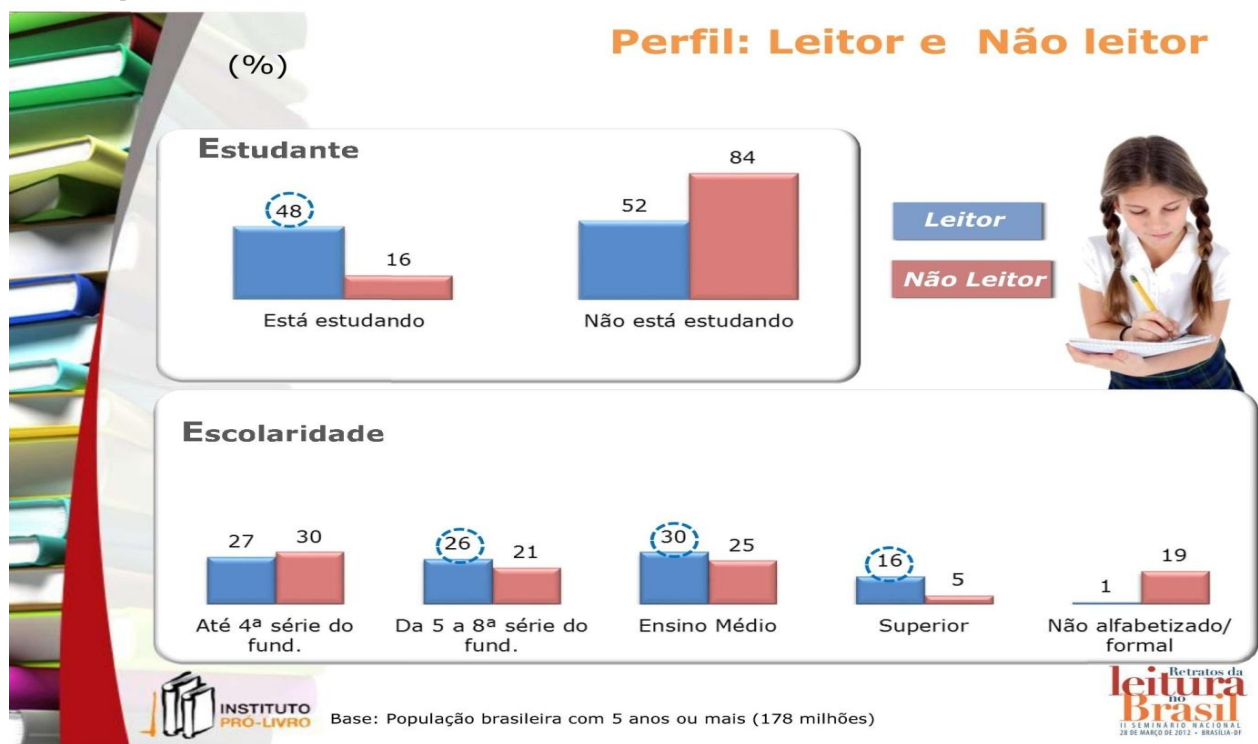
Mas essa situação problemática não é irreversível, as correntes que impedem a construção da autonomia pessoal ao longo do processo das vidas desses jovens e dessas crianças podem ser quebradas, permitindo assim que eles cresçam em conhecimento e no desenvolvimento do intelecto por intermédio de seus guias educadores – professores e Bibliotecários - que os levarão ao exorbitante mundo do saber, do questionar e do obter respostas às suas dúvidas.

2.3 As Bibliotecas Escolares e os Indicadores de Leitura

Mesmo com a constante distribuição de livros didáticos e paradidáticos por diferentes programas de governo a todos os estudantes do Ensino Básico, ainda assim são baixos os índices de leitura, conforme indicadores apontados na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada em âmbito nacional pela terceira vez em 2011 e promovida pelo Instituto Pró-Livro². A ideia primordial da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é a análise dos indicadores que permitirão orientar programas e projetos de inclusão cultural da população brasileira, apontando também a identificação de fatores que levem à leitura e à promoção do acesso ao livro em grande escala.

² Link: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/>

Figura 14: Perfil: Leitor e Não Leitor – Retratos da Leitura no Brasil 2011. O perfil do leitor brasileiro indica que 48% dos estudantes são leitores. Contudo, os sistemas escolares brasileiros não oferecem Bibliotecas Escolares adequadas para fomentar a leitura, o que prejudica principalmente a formação de leitores entre os estudantes das primeiras 4 séries do Ensino Fundamental. – **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



Essa pesquisa traz uma análise minuciosa da situação nacional do leitor e da leitura em âmbito nacional e com esses dados devidamente tabulados e apresentados, vêm à tona mais indagações e decepções do que respostas ao se examinar o desempenho do leitor tipicamente brasileiro.

A pesquisa revela também que os maiores influenciadores a ler são os professores em primeiro lugar com 45% e, em segundo e terceiro lugar estão a mãe e o pai, com 43% e com 17% respectivamente, derrubando assim a ideia criada de que os pais são os principais influenciadores de seus filhos no tocante à leitura.

Figura 15: Quem mais influenciou os leitores a ler -- Retratos da Leitura no Brasil 2011. A pesquisa indica que a influência dos pais está diminuindo, enquanto a do professor cresceu 12%. A falta da Biblioteca Escolar penaliza o professor no exercício desta influência benéfica. - **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



Com relação ao interesse e às motivações dos leitores a pesquisa traz a triste confirmação de que em seu tempo livre os leitores gostam em primeiro lugar, de assistir televisão com 85%, em segundo lugar escutar música ou rádio com 52%, no terceiro e quarto lugares estão descansar, com 51% e reunir-se com amigos ou família com 44%; ocupando o quinto e sexto lugares estão assistir vídeos/filmes DVD com 38% e sair com os amigos com 34%; depois de todas essas preferências vem finalmente e ocupando a sétima colocação o gosto por ler (jornais, revistas, livros, textos na internet) com apenas 28%, porcentagem essa que sofreu uma queda considerável se comparada à edição anterior dessa mesma pesquisa feita em 2007 e que na época, ler ocupava a mesma sétima colocação, mas com um índice maior que chegou aos 36% na preferência.

Figura 16: O que gostam de fazer em seu tempo livre – Retratos da Leitura no Brasil 2011. A pesquisa indica que diminuiu o número de pessoas que declaram que gostam de ler em seu tempo livre em 8%. - **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



Mas, por que será que assistir televisão é preferência número um dos leitores brasileiros e ler é uma preferência que ocupa seis posições depois da primeira?

Luís Milanesi com extrema sabedoria nos alertou que:

A televisão age de forma que é o suficiente para as necessidades informacionais da população. Nesse sentido, outras possibilidades de acesso ao conhecimento – como o livro – passa a ser um excesso e, ainda desconfortável: é preciso ler, imaginar, refletir. A televisão parece fazer isso pelo telespectador. (MILANESI, 2002 p.43-44).

Realmente, assistir TV é condicionado a um simples ligar, apertando o botão no próprio aparelho ou em seu controle remoto, vindo, após esse suposto gesto simples uma gama informacional sem nenhum esforço para recebê-la, sem que seja necessário agir para obtê-la. Mas, Milanesi (2002, p.43-44) nos alerta que “o rádio e a televisão permitiram, em suma, elevar o grau de homogeneização cultural pela sua capacidade de eliminar do público a autonomia para escolher” enfatizando que a nós “pouco mais resta além do liga-desliga”. Ainda segundo Milanesi (2002, p.43-44), “nas sociedades mais cultas, a televisão plasmou-se à sua cultura; nas sociedade de baixo padrão educacional, a sociedade foi plasmada” isso se referindo ao fato de que “antes de chegar ao quadro negro, as crianças e mesmo adultos estacionavam em frente à tela do televisor”.

Talvez esses fatos justifiquem e preencham as lacunas deixadas nas posições ocupadas entre ler e assistir conforme constatadas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Figura 17: Lugares onde costuma ler livros – Retratos da Leitura no Brasil 2011. A pesquisa indica que pouquíssimas pessoas indicam a Biblioteca como espaço de leitura. -- **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



Dos lugares onde se costuma ler livros, a pesquisa apontou que em casa ocupa a primeira colocação com 93%, a sala de aula vem em segundo com 33% e as bibliotecas ocupam a terceira colocação com 12%. Isto significa dizer que existe sim uma resistência em se frequentar as bibliotecas, em se conhecer esse espaço transformador de mentes e guardador de conhecimentos. Seja por elas – as bibliotecas – não existirem de verdade, sejam por existirem e não funcionarem, ou seja por não serem divulgadas, essas unidades informacionais não estão sendo levadas a sério como espaço de leitura.

Figura 18: O que a Biblioteca representa – Retratos da Leitura no Brasil 2011. A pesquisa indica que a Biblioteca representa “um lugar” com diferentes funções. - **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



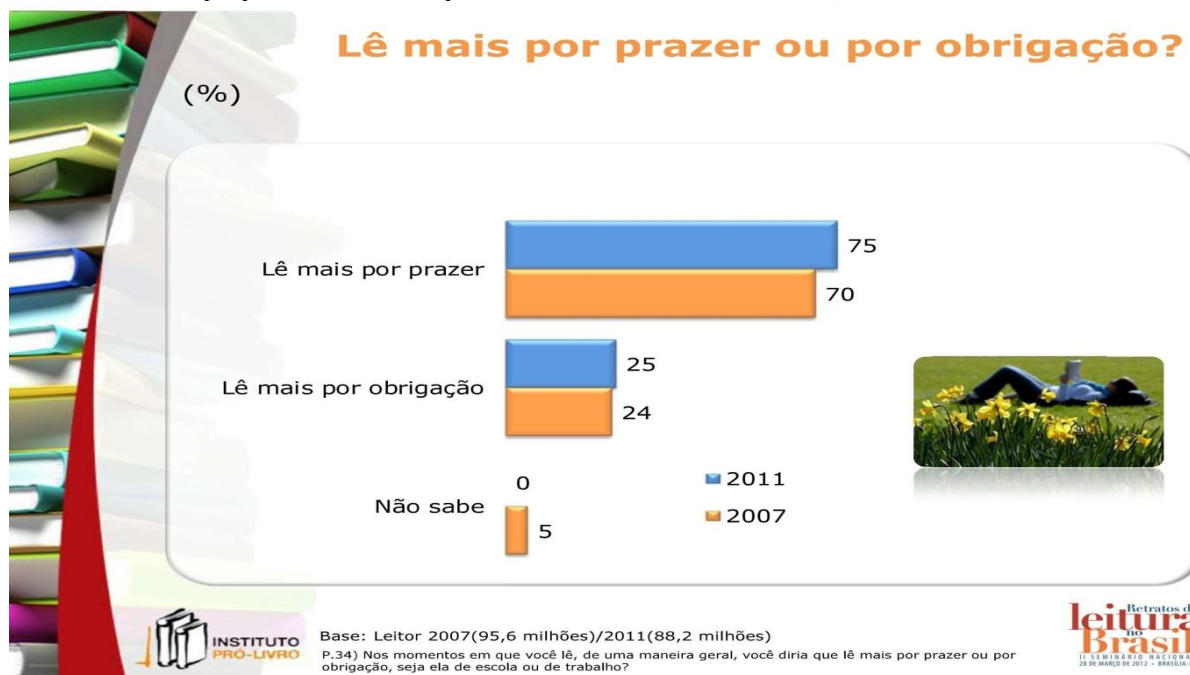
Outro dado apresentado é o que a biblioteca representa para os entrevistados. Em primeiro lugar na pesquisa com 71% ficou confirmado que a biblioteca é um lugar para estudar, em segundo lugar, com 61% a biblioteca foi considerada um lugar para pesquisar. Ainda assim, com todas essas considerações, faltam em nossas bibliotecas pesquisadores, estudantes. Onde eles estão? Como estão realizando seus estudos e suas pesquisas, será que estão se limitando às quatro paredes da sala de aula, aos textos disponíveis na internet? Onde estão pesquisando? Onde estão estudando, buscando os recursos informacionais que tanto existe dentro de uma biblioteca?

Figura 19: O que a leitura significa – Retratos da Leitura no Brasil 2011. A pesquisa indica que mais da metade da população brasileira considera a leitura uma fonte de conhecimento para a vida. - **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



Mesmo apontando que leitura no imaginário dos brasileiros significa fonte de conhecimento para a vida, fonte de conhecimento e atualização profissional, fonte de conhecimento para a escola/faculdade, uma atividade interessante, uma atividade prazerosa; ainda assim parece que na escola prevalecem as últimas colocações na pesquisa, as mais negativas nesse tópico do que significa a leitura, que são: ocupa muito tempo, prática obrigatória, produz cansaço/exige muito esforço, uma atividade entediante e, não sabe. São esses pontos negativos que se sobressaem, pois nossas bibliotecas, em especial as escolares, estão vazias, sem vida, servindo somente como guardadoras de livros e acumuladoras de poeira.

Figura 20: Lê mais por prazer ou obrigação? – Retratos da Leitura no Brasil 2011. A pesquisa indica que dois terços da população brasileira (leitora) lê por prazer. - **Fonte:** Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).



Outro indicador que foi apresentado pela pesquisa estabelece a relação entre ler por prazer e ler por obrigação. A leitura por prazer foi a preferência de 75% dos entrevistados e os 25% restantes declararam ler por obrigação. Se é possível a leitura tanto por prazer quanto utilitária, por que ainda temos tantas dificuldades em frequentarmos bibliotecas, em pesquisar e buscar recursos informacionais em suas mais variadas espécies e formatos para atender a nosso ensejos e às nossas dúvidas? Por que ainda temos dificuldades no ler, no escrever e no falar? Será que é por que na verdade não somos assim leitores tão prazerosos como mostrado na pesquisa? Ainda temos iletrados entre nós. De quem é a culpa? Dos pais, do governo, da mídia televisiva, da escola, dos professores ou de nós mesmos?

As perguntas são infundáveis, mas a resposta poderia ser simples e os resultados em dados apresentados na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostram que há muito que fazer, mudar e resolver para poder tornar assim a nossa nação verde-amarela uma nação de leitores.

3. NA BIBLIOTECA ESCOLAR SOB OBSERVAÇÃO

Conforme exposto na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o professor é um instrumento de mudança de atitude, na verdade é esse profissional da educação o principal influenciador da leitura entre os estudantes, sendo ele o responsável por criar dentro da sala de aula o hábito da leitura numa perspectiva de prazer, desviando assim o livro de sua imagem prejudicial de mero instrumento de trabalho a uma fonte de prazer na busca do conhecimento e da sapiência secular.

Como seria possível ao educador desenvolver suas atividades pedagógicas – que para muitos de seu alunos não passam de tarefas árduas, repugnantes e forçadas – em prazerosas? Roca (2012, p.29) afirma que “sem comunicação não há educação” isto porque, segundo a autora “a vida em sala de aula representa um cenário comunicativo onde se fala e se escuta, onde se lê e se escreve, onde se faz e se diz.” Ela continua defendendo que “as possibilidades de aprendizagem se dão a partir da mediação da linguagem, da palavra, utilizando artefatos culturais múltiplos e variados” e um ambiente propício para essa aprendizagem é a Biblioteca Escolar, detentora de um fascinante potencial educacional, podendo ser usada também como suporte no contexto ensino de aprendizagem e leitura.

Roca ainda insiste na valorização e no reconhecimento da Biblioteca Escolar como centro de recursos úteis ao trabalho em sala de aula não somente do professor, mas do aluno principalmente. Ela fez uma descrição dos elementos relevantes que fazem com que a Biblioteca Escolar apresente-se como um contexto de aprendizagem e leitura na escola. Esses recursos ou meios que contribuem na relação ensino aprendizagem seguem descritas na Tabela 1: Contexto Presencial de Aprendizagem e Leitura.

Tabela 1 – Contexto Presencial de Aprendizagem de Leitura.

Fonte: Roca, Glória Durban, 2012 p.29.

CONTEXTO PRESENCIAL DE APRENDIZAGEM E LEITURA	
Contexto que favorece a realização de situações de aprendizagem que necessitam de interação com recursos, por meio da leitura ou do diálogo presencial.	
Contexto que permite diferentes possibilidades de agrupação dos alunos em zonas de trabalho específicas (trabalho em grupo, em dupla ou individual).	
<ul style="list-style-type: none"> • • • • • • • • • • 	Dispõe de materiais informativos e literários organizados tematicamente.
	Dispõe de materiais de leitura e de entretenimento.
	Dispõe de um catálogo para a localização dos materiais.
	Dispõe de marcadores e indicadores internos para facilitar o acesso a materiais.
	Dispõe de expositores para a promoção de recursos específicos.
	Dispõe de pontos de leitura individual.
	Dispõe de espaço para leitura coletiva.
	Dispões de mesas de trabalho individual ou em grupo.
	Dispõe de computadores para consulta à internet ou trabalhos via programas específicos.
	Dispõe de equipamentos para projeção de audiovisuais ou para realização de apresentações de apoio às exposições dos trabalhos de pesquisa.

Os recursos e meios apresentados acima pela professora espanhola Roca são voltados para as condições europeias, que tem um nível de desenvolvimento de suas Bibliotecas Escolares superiores aos condizentes com a nossa realidade brasileira. Mas esse é o ideal pelos quais os profissionais da área da Ciência da Informação e os professores devem lutar para realizar e não desanimar apesar da realidade dura e crua em que vivemos, buscando assim de forma valente a vitória do poder sobre o saber.

O Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – elaborou os Parâmetros para Bibliotecas Escolares, que servem de base referencial para a qualidade das Bibliotecas Escolares no país. Esse documento originou-se no “Projeto Mobilizador Biblioteca Escolar: construção de uma rede de informações para o ensino público”, lançado em 2008 pelo Sistema CFB/CRBs (Conselho Federal de Biblioteconomia/Conselhos Regionais de Biblioteconomia), que desenvolve ações nacionais e locais em favor da criação de bibliotecas nas escolas públicas do país.

Fazendo um comparativo entre o ideal europeu de recurso informacional de uma Biblioteca Escolar e os Parâmetros para Bibliotecas Escolares criados pelo GEBE, na instituição de ensino Armindo Guaraná e sua Biblioteca Escolar, a qual usamos como ambiente social de observação do fenômeno durante as atividades técnicas de pesquisa de campo, observou-se que a unidade informacional está extremamente diferenciada da realidade europeia e muito distante também de se adequar aos parâmetros do GEBE.

A respeito das dificuldades da escola e de outras mazelas contra as quais a mesma luta, Veiga (2011, p.54-55) atentou para “os corajosos que remam contra a maré” afirmando a

realidade decepcionante de que o que ocorre é que “na maioria das escolas, a ponte que liga o que se faz e o que se deseja fazer se rompe e tudo fica no nível do desejável”.

Por outro lado, Roca (2012, p.15) lembra que outro “aspecto [...] que imobiliza a ação dos professores é a tensão provocada pelas questões que envolvem a organização escolar”. E essa tensão contamina com o veneno do desânimo aos educadores – professores e Bibliotecários – que passam a viver trabalhando de forma forçosa, desagradável e angustiante, assim descritas indiscutivelmente por Veiga:

Alguns educadores menos comprometidos não alteram seu fazer. Continuam contando suas “belas mentiras” como se desejassem, por repetição, convencer-se das verdades radicais que recitam. Outros, mais preocupados, aguardam que algo aconteça, que alguém forneça “coisas práticas” para solucionar as situações do interior de suas salas de aula. Outros, ainda, procuram transformar criativamente suas práticas, impulsionados por uma angústia salutar que não permite acomodação. (VEIGA, 2011 p.54).

Não basta somente reclamar, se desanimar, mas continuar lutando para que escola e Biblioteca Escolar sejam valorizadas, e essa valorização se inicia com o apoio e incentivo concedido a esses profissionais por intermédio dos poderes públicos com suas políticas de incentivo, salários dignos, alimentando dessa forma o potencial do profissional educador e elevando a qualidade do que é passado e recebido pelos escolares a quem dedicam seu trabalho.

3.1 A Biblioteca da Escola Estadual Armindo Guaraná

Mediante a busca por um espaço social representativo do ambiente escolar típico do Sistema Escolar Estadual de Sergipe, foi selecionada a Escola Estadual Armindo Guaraná e sua Biblioteca Escolar Silvana Nunes Ramiro Araújo, que foi intitulada por Souza (2009, p.164) como “espaço dos livros guardados na escola”. Nessa biblioteca real, como na biblioteca teórica definida por Souza (2009, p.164) como o “espaço dos livros na escola”, realizou-se uma intervenção pesquisadora, no período metodologicamente determinado para a observação na pesquisa-ação. Durante essa intervenção, todo o acervo da escola foi devidamente organizado, sendo retirados de dentro das caixas e das gavetas onde se encontravam e sendo expostos nas estantes de forma aproximada com o que é encontrada na CDU concernente a sua classificação numérica por assunto temático. Após essa arrumação, a biblioteca ou sala de leitura foi posta em funcionamento e, a partir desse funcionamento iniciou-se uma observação da influência que todos os materiais bibliográficos exerceriam na vida escolar dos alunos das três turmas do sexto ano da escola.

Essa observação foi feita com a utilização de um diário, onde a pesquisadora observou e registrou todo o comportamento dos frequentadores, com ênfase nos alunos do sexto ano, frente às suas novas ou primeiras experiências em uma Biblioteca Escolar com seu acervo bibliográfico. O fator decisivo que levou a escolher a determinada instituição foi o fato de não existir nela uma biblioteca devidamente implantada.

Depois de criteriosamente selecionado o ambiente institucional no qual iria realizar-se a presente pesquisa, foi feita uma visita de reconhecimento bem como de explanação e diálogo com as gestoras da instituição com o intuito de autorizar a pesquisa, agendar as visitas e solicitar a permissão para os registros advindos da observação feita e registrada, por meio do diário e de fotografias. O corpo gestor da instituição recebeu de bom grado e de boa vontade o projeto de pesquisa, liberando e dando seu aval para tudo aquilo que contribuísse para o desenvolvimento da pesquisa na biblioteca da escola, contanto que estivessem condizentes com as exigências da UFS e da Secretaria Estadual de Educação.

A biblioteca que existe na escola não funciona como deveria, pois os alunos só entram lá para assistirem aulas expositivas com uso de retroprojektor pelos professores. As crianças não tem permissão de pegar nos livros, para não “bagunçar” o acervo. E para se garantir que esses meninos não façam “bagunça” e não mexam nos livros, todos são ferrenhamente monitorados por professores e coordenadores em nome do “manter a ordem” na biblioteca.

Figura 21: Exibição de Projeção na Biblioteca Escolar. – **Fonte:** arquivo pessoal da pesquisadora.



A escola não tem em seu quadro de funcionários um Bibliotecário e nem outro funcionário que tenha a disponibilidade de manter os serviços da Biblioteca Escolar. Quem exerce a função de carimbar os livros e registrá-los no livro de tombo são os monitores do Programa Mais Educação³. Porém, estes monitores declaram sua descrença nos objetivos da Biblioteca Escolar e

³ O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a

chegam a obstruir a entrada de alunos para que eles não venham a “bagunçar” os livros que estão devidamente arrumados. Durante a observação, uma das monitoras se prostrou à porta da Biblioteca Escolar, para impedir que os alunos que fossem ao banheiro retornassem para prosseguir à leitura.

O material bibliográfico existente nesse ambiente é oriundo de envios feitos pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, além do material didático distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, sendo que os estudantes não fazem uso desse material informacional que é especialmente feito para eles, pela falta de planejamento e organização da Biblioteca Escolar.

Figura 22: Acervo organizado e pronto para a consulta e leitura. – **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



3.2 Indicadores do Fenômeno Observado

A proposta da pesquisa, como devidamente exposta no capítulo metodológico, foi a intervenção no espaço escolar – neste momento em seu espaço provisório, o galpão - considerado como “ a Biblioteca Escolar” da instituição por intermédio de pesquisa-ação, sendo que, depois de seguidos esses passos: da organização bibliográfica dos itens e da adequação de um espaço apropriado para se organizar os recursos informacionais existentes na escola, foi observada a influência desses recursos informacionais na vivência escolar dos alunos das três turmas de sexto ano do turno da manhã. A princípio, foram levados em conta os Parâmetros para Bibliotecas Escolares contidos no documento do GEBE, para diagnóstico das condições da unidade de informação observada. Ou seja, saber o quanto seria necessário em investimentos e trabalho, para

se chegar ao nível de adequação do espaço concedido para a implantação manual da biblioteca ou sala de leitura no Colégio Armino Guarará.

Do conjunto de indicadores constantes no GEBE, o primeiro a ser citado é o **espaço físico**, em segundo lugar vem o **acervo**, em terceira colocação estão os **computadores com acesso à internet**, em quarto ficou a **organização do acervo**, em penúltimo lugar estão os **serviços e atividades** e por último está o **peçoal**.

Só lembrando que a análise desses indicadores supracitados só foi possível após a finalização da intervenção e início da observação com a sala de leitura devidamente organizada, fato esse nunca existente na escola antes, o que causou estranheza e surpresa à comunidade escolar e docente.

Descrevendo o **espaço físico**, verificamos que a sala de leitura conta com espaço físico exclusivo e acessível a todos os usuários e se enquadra no nível básico que é de 50m² até 100m² faltando assim muitos metros quadrados ainda para se alcançar o nível exemplar que é de 300m².

A Biblioteca Escolar não possui assentos suficientes para acomodar usuários que ali vão para consultar os materiais e/ou realizar atividades; os assentos existentes não enquadram a Biblioteca Escolar no nível básico exigido: assentos suficientes para acomodar simultaneamente uma classe inteira, além de usuários avulsos. Há na unidade de informação sete mesas e quase sessenta cadeiras e não há como usar todas as cadeiras por falta de espaço. Esse número de mesas não é suficiente para atender uma classe que tenha algo em torno de quarenta e cinco alunos. Faltam também terminais para leitura e o espaço da sala para estudo em grupo é muito pequeno.

Figura 23: Duas arrumações de mobiliário na Biblioteca, para estudo ou para projeção. – **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



Além de ambientes para os serviços fim, a Biblioteca Escolar conta com ambiente para serviços técnicos e administrativos: no nível básico é exigido um balcão, uma mesa, uma cadeira e um computador com acesso à internet, para uso exclusivo dos funcionários. Nem mesmo neste nível básico exigido a biblioteca é enquadrada, pois não há balcão nem computador na unidade informacional, tampouco um ambiente para serviços técnicos e administrativos, o que existe somente são mesas e cadeiras.

A biblioteca não conta com **acervo** de livros compatível com o número de alunos, que seria, no nível básico: a partir de um título por aluno e, no nível exemplar: a partir de quatro títulos por aluno, não sendo necessário mais do que cinco exemplares de cada título. A biblioteca mais uma vez não atinge a esses parâmetros exigidos no item **acervo**, sendo que a mesma conta com uma média de oitocentos alunos e seu acervo não é condizente a essa média.

Ainda concernente a esse item, o GEBE afirma que: o acervo deve contemplar a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação destinadas aos variados usos escolares, tais como: enciclopédias, dicionários, almanaques, atlas, etc. Além de livros a Biblioteca Escolar deve contar com revistas e outros materiais não impressos, como: documentos sonoros, visuais e digitais. Infelizmente, não existem na biblioteca todos esses gêneros textuais, as fontes de informação e os materiais não impressos.

Segundo os Parâmetros, **os computadores integrados em rede** devem existir no ambiente da Biblioteca Escolar e ser usados na disponibilização de fontes de informação, tanto por meio de catálogos que estejam contemplando o acervo, quanto pela busca e obtenção de fontes digitais. O número de computadores recomendável é, no nível básico: pelo menos um computador ligado à internet para uso exclusivo de professores e alunos em atividades de ensino/aprendizagem; no nível exemplar: computadores ligados à internet para uso exclusivo de professores e alunos em atividades de ensino/aprendizagem, em número suficiente para uma classe inteira. A biblioteca não se enquadra em nenhum desses dois níveis, uma vez que nem sequer existe computador dentro da unidade informacional. Segundo informações da coordenação, a escola é detentora de rede *wi-fi*, porém, no tempo em que durou essa pesquisa não foi verificado nenhum aluno acessando a rede. A escola possui dois equipamentos portáteis – *notebook*, que são usados na maioria das vezes pelos professores para apresentação de aulas expositivas. Esses equipamentos ficam guardados na secretaria da escola, não permitindo assim que os alunos acessem a internet por meio deles.

Com relação ao item **organização do acervo**, os parâmetros sugerem que o acervo deve ser organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez: no nível básico: o catálogo da Biblioteca Escolar inclui pelo menos os livros do acervo, permitindo recuperação por autor, título e assunto; no nível exemplar: o catálogo da biblioteca é informatizado e possibilita o acesso remoto a todos os itens do acervo; permite – além de recuperação por autor, título e assunto – recuperação por outros pontos de acesso. A biblioteca observada não se enquadra nem no nível básico nem no nível exemplar nesse item. Não existe catálogo manual dos livros do acervo e a informatização é novidade que ainda não chegou por aqui.

Como objetivo primordial da pesquisa-ação, buscou-se a organização dos recursos disponíveis e a implantação, ainda que experimental e passageira, dos **serviços e atividades** inerentes a uma Biblioteca Escolar funcional. Seriam estes, no nível básico: consulta no local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa; no nível exemplar: consulta no local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa, além de serviço de divulgação de novas aquisições, exposições e serviços específicos para os professores, tais como levantamento bibliográfico e boletim de alerta.

Por não ter a informatização em seu ambiente, muito do que é exigido como qualidade no nível exemplar do item serviços e atividades pode se considerar ainda não funcional pela Biblioteca Escolar, já que a mesma não é automatizada. Já no nível básico, a mesma também não consegue atender às exigências dos parâmetros do GEBE. Apesar de, depois da intervenção, a gestora da escola ter permitido de forma tímida iniciar o processo consulta local e empréstimo domiciliar, mesmo assim a biblioteca ainda peca no tocante às atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa.

De todos os itens existentes no documento do GEBE, o campeão em precariedade e negligência por parte dos gestores da escola é o item **pessoal**. Sem nenhum responsável destacado da equipe escolar, a Biblioteca Escolar se encontra desprovida dos cuidados mínimos e atenção que seu funcionamento exige. Segundo a legislação brasileira, a biblioteca deveria contar com Bibliotecário responsável e funcionários para atendimento aos usuários em todos os turnos em que a escola está aberta. Segundo os Parâmetros do GEBE, a formação da equipe bibliotecária no nível básico precisa de: um Bibliotecário supervisor, responsável por um grupo de Bibliotecas Escolares (nos casos em que a biblioteca faz parte de um sistema/rede que reúne várias bibliotecas), além de pessoal auxiliar em cada uma das bibliotecas, em cada turno; no nível exemplar: um Bibliotecário responsável pela Biblioteca Escolar e pessoal auxiliar em cada turno, de acordo com o número de alunos.

Esse item de pessoal é o que mais amargura a situação de descaso da Biblioteca Escolar, uma vez que Bibliotecário e auxiliar não existem dentro da unidade de informação observada. Na verdade o profissional Bibliotecário não existe nem mesmo como um código de vaga na carreira pública da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe, ou de qualquer outro órgão estadual, deixando assim inúmeras unidades de informação, como no caso da Escola Estadual Armindo Guaraná, incompatível com as exigências de qualidade tanto no nível básico quanto no nível exemplar dos Parâmetros Nacionais da Biblioteca Escolar.

4 ATIVANDO EXPERIMENTALMENTE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR

Os primeiros dias das visitas feitas à biblioteca da Escola Estadual Armindo Guaraná consistiram em muito trabalho físico e solitário. É que a escola possuía muito material bibliográfico, muitos itens aproveitáveis, se observadas as dezenas de caixas onde estavam guardados os mesmos num canto escuro e sujo da escola.

Figura 24: Espaço destinado à Biblioteca Escolar em situação de completo abandono. – **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



O acervo da biblioteca servia também como depósito dos livros didáticos não distribuídos, e sabemos que isso é inadequado, pois segundo a Política de desenvolvimento de acervo das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte:

O livro didático enviado pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD ao aluno não é acervo de biblioteca. Esse tipo de obra é de uso dos alunos em sala de aula e não é registrado pois, como obra integrante do catálogo da biblioteca. (GEBE, 2010, p13.)

Apesar da grande quantidade de livros didáticos existentes dentro da biblioteca, o acervo é composto basicamente pelos livros que todas as escolas públicas recebem do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE.

O PNBE foi instituído em 1997, seu objetivo principal é democratizar o acesso a obras de literatura brasileiras e estrangeiras infanto-juvenis, e a materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras. O programa é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SOUZA, 2009, p.145).

Além de livros, compõem também o acervo da biblioteca os mapas, revistas da área educacional e de outras áreas afins, dicionários, enciclopédias, histórias em quadrinhos, CDs, DVDs, há ainda as antigas fitas de VHS entre variados outros materiais bibliográficos. Toda essa riqueza de material encontrava-se acondicionada em caixas fechadas e sem acesso aos alunos, sofrendo a ação do tempo e servindo de alimento para os insetos. Chegou a ser revoltante

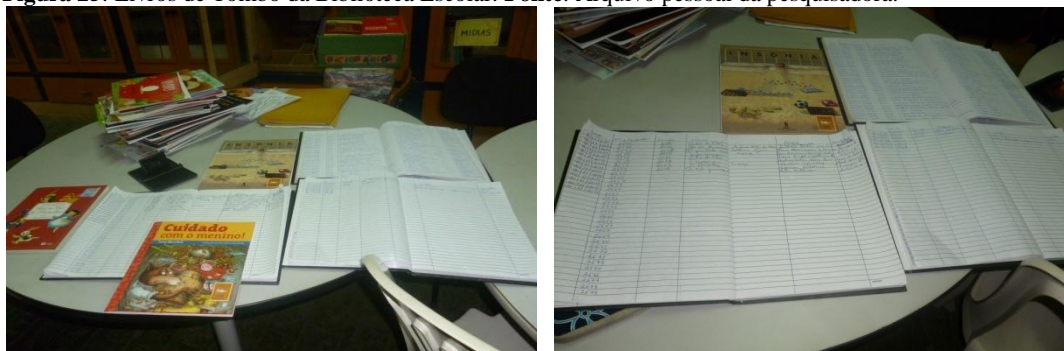
constatar, durante a pesquisa-ação, o dinheiro dos cofres públicos sendo desperdiçado de forma tão banal ao ver a deterioração de tantos itens bibliográficos, materiais esses que poderiam estar sendo utilizados pelos alunos e para os alunos no desenvolvimento da educação e da cultura.

A primeira ação realizada no campo foi a de desencaixotar todos os itens bibliográficos, iniciando a primeira ação da pesquisa, na definição dada por Souza:

A biblioteca da escola deve estar organizada de modo que proporcione aos alunos e aos demais membros da comunidade escolar a busca pela leitura. Além disso, ela coopera com as ações da escola, pois fornece aos estudantes espaço para pesquisa e estudos nos momentos de aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário estabelecer uma ação pedagógica integrada entre a biblioteca e a sala de aula [...] (SOUZA, 2009, p.116).

Sendo essa a intenção do desencaixotamento dos livros e de outros materiais informacionais, ou seja, a organização do acervo na sala improvisada do galpão onde funciona temporariamente a escola, assim foi feita essa primeira ação. A diretora da escola concedeu a autorização para que a biblioteca fosse organizada. A mesma concedeu inclusive pessoal de apoio da escola para ajudar na ação e pessoal do Programa Mais Educação para auxiliar na questão do tratamento técnico da informação como carimbo, tombo, catalogação e classificação.

Figura 25: Livros de Tombo da Biblioteca Escolar. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



No início desse trabalho em conjunto houve muita resistência por parte daqueles que foram designados no auxílio à ação da pesquisa. Alguns reclamavam porque tinham que tirar todos os livros sujos, velhos e empoeirados de dentro das caixas “desnecessariamente”, pois o melhor era que ficassem ali guardados. Outros levavam muito tempo para carimbar e colocar patrimônio, pois alegavam “não ganhar por produção”. O pessoal da limpeza evitava a área destinada à Biblioteca Escolar, quando era solicitado a eles que limpassem o local da sala de leitura. Quando menos se esperava, essas pessoas desapareciam, dizendo “volto daqui a pouco” e esse daqui a pouco durava dois, três, quatro dias ou até mais.

A partir do final da primeira semana já não havia mais ninguém que ajudasse na ação e assim ela acabou se tornando penosa e solitária. Demorou cerca de quatro semanas para a conclusão da organização da biblioteca em sua estrutura mobiliária e em seu acervo. Todo o

material foi devidamente disposto em ordem de classificação, conforme as necessidades dos futuros usuários que em breve iriam começar a frequentar esse ambiente informacional.

Para Campello (2008, p.44) “[...] nas bibliotecas, a principal função das classificações é organizar o conhecimento registrado em livros e outros documentos, facilitando sua organização.” Sendo assim, a classificação usada durante a arrumação da biblioteca foi baseada no conhecimento que a pesquisadora tinha da CDU simplificada, porém, adaptando essa classificação às necessidades da instituição e de seus usuários.

Os itens bibliográficos ficaram assim agrupados conforme CDU simplificada:

- Revistas da área educacional e de áreas;
- Dicionários, atlas, enciclopédias e mapas;
- EJA
- Filosofia e Sociologia
- Letramento, Alfabetização e Educação
- Matemática
- Física e Química
- Ciências e Biologia
- Línguas: português, inglês e espanhol;
- Literatura
- Geografia e História

Ainda com relação à organização, Souza foi realista ao afirmar que:

O descaso com a Biblioteca Escolar não é incomum em nosso país, pois parte das escolas não possui biblioteca, contudo, as que possuem, não a exploram como deveriam, usam-na apenas como depósito de livros, sem uma organização pedagógica, sem integrá-la ao projeto educativo da escola. Existe ainda aquela parte que funciona no improviso, por ação de um ou outro professor sem, no entanto, fazer parte do projeto educativo da escola. (SOUZA, 2009 p.119)

Esta constatação de Souza foi vivenciada na Escola Estadual Armindo Guaraná, no período de observação de campo, durante a pesquisa-ação. O descaso, a má vontade, a falta de compromisso em ajudar a ver e a ter uma biblioteca funcionando, tudo isso contribuiu para a não valorização desta que é uma estrutura importante para o bom desempenho dos alunos na escolarização.

Roca (2012 p.90) constatou que “a utilidade da Biblioteca Escolar é inquestionável” e por esse motivo é que, apesar de penosa e solitária, valeu a pena o esforço e o sacrifício em ver a biblioteca com uma cara de biblioteca e não apenas com cara de guardadora de livros. Segundo

Souza (2009, p.117): "se a biblioteca da escola estiver bem estruturada, tanto física quanto pedagogicamente, servirá á comunidade escolar como um todo: alunos, professores e pais".

4.1 Comportamento Informacional Inicial da Comunidade Escolar

Depois da abertura da Biblioteca Escolar aos alunos e professores e implantação de serviços bibliotecários básicos, iniciou-se um processo de observação comportamental do novo ambiente e seus usuários sendo que tudo era devidamente registrado em um diário, desde a entrada dos alunos, passando pela busca e descoberta de novas informações e novos conhecimentos advindos dos recursos informacionais existentes dentro da biblioteca, às suas perguntas, pedidos de ajuda para encontrar livros, pedidos de sugestão de leitura, até sua saída do local.

Foram observadas as muitas reações advindas do corpo diretivo, do corpo docente e dos alunos. Um grupo de foco foi escolhido especialmente para essa observação – as três turmas de alunos do sexto ano – com a intenção de se analisar a influência dos recursos informacionais na vida escolar e particular dessas crianças.

Iniciada a observação, pôde se constatar muitos pontos negativos com relação às vivências leitoras e a familiarização com as práticas da Biblioteca Escolar. Mas também foram constatados alguns pontos positivos dessa nova convivência.

Instigadas e empolgadas com o funcionamento da biblioteca, a direção e a coordenação escolar se uniram para inserir dentro da escola com o apoio da biblioteca algumas novas ideias, como por exemplo:

- Projeto Lendo no Recreio;
- Projeto de Leitura Descobrimos Escritores;
- Liberação de livros para levar para casa;
- Visitação á biblioteca em horários vagos;
- Um caderno para anotar o empréstimo e a devolução dos livros;
- Uma pessoa designada em cada turno para atender os alunos no processo de devolução ou empréstimos;
- Liberação de livros literários para serem lidos na sala de aula juntamente com os professores;
- Pedidos para instalação de ventiladores e lâmpadas que deixassem o ambiente da biblioteca mais confortável;
- Pedido de compra de utensílios necessários ao tratamento técnico da informação;
- Exposição de cartazes com trechos literários .

Figura 26: Execução de projetos de leitura na escola. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 27: Implantação do empréstimo domiciliar. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



Esses novos projetos e ideias foram criados para servir como incentivo no processo ensino-aprendizagem e à prática da leitura. A pesquisadora Roca afirma que:

Precisamos exercer a prática cotidiana da leitura para agir [...] E a escola possui uma grande responsabilidade. A leitura apresenta-se como a grande ferramenta da qual dispomos para nos apropriarmos da linguagem e ativarmos o pensamento reflexivo. (ROCA, 2012 p.8)

A autora (Roca, 2012 p.9) ainda afirma que a Biblioteca Escolar nasceu para “dar amparo, perenidade e acesso aos textos” uma vez que a promoção da cultura da escrita são funções da Biblioteca Escolar. Este embasamento teórico dá crédito às novas ideias e projetos recém-criados pelas gestoras da Escola Armindo Guaraná, uma vez que é a Biblioteca Escolar um recurso educacional e agente interdisciplinar de apoio pedagógico.

No primeiro dia de visitas, algo que chamou a atenção: assim que os alunos – foco da pesquisa – começaram a entrar na biblioteca no horário de intervalo, uma professora surgiu gritando e brigando com eles, dizendo: “você sabem que não podem ficar aqui, não sabem?” e logo depois da bronca todos foram retirados da biblioteca pela professora porque era proibida a presença deles nesse local, antes que a ação pudesse ser explicada.

Também foi comprovado durante o período de observação que de todos os alunos que entravam no espaço onde se guardava os livros, nenhum deles nunca tocou em um livro sequer, porque lhes era proibido. O motivo dessa proibição, segundo relato dos próprios alunos, era para evitar bagunçar os materiais bibliográficos. Mas a partir do momento em que o acesso à biblioteca e a seus recursos informacionais foram liberados, percebeu-se uma grande euforia por parte dos alunos que, pela primeira vez experimentavam o acesso livre à sala de leitura.

Figura 28: Registro de visita de alunos durante a arrumação da Biblioteca Escolar. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora



Os alunos das três turmas de sexto ano demonstraram interesse em estar dentro de uma biblioteca pela primeira vez em suas vidas. Os livros que mais despertaram a curiosidade dos “marinheiros de primeira viagem” foram aqueles pertencentes à área da Literatura. Comprovando a tese de Roca (2012, p.79) de que “a leitura é uma ferramenta fundamental, especialmente por meio da literatura” e dando o primeiro passo no caminho da leitura os alunos recém chegados fizeram uso em abundância dessa ferramenta fundamental que são os livros de literatura.

Ávidos por novas descobertas nesse novo ambiente escolar, os alunos começaram a demonstrar interesse em ficar por mais tempo com os livros que interessavam a cada um em particular. Alguns passavam todo o horário do intervalo dentro da biblioteca, fosse bisbilhotando os livros para escolher um que mais o agradasse ou simplesmente só conhecendo aquilo que antes lhes era proibido conhecer: a informação, negada a quem de direito, aos próprios estudantes.

Outros alunos passaram a vir à biblioteca, escolher seus livros, iniciar a leitura e, não tendo mais tempo disponível para ficar na unidade informacional, esconder o livro que estavam lendo e voltar para sua leitura no dia seguinte. Muitos começaram a exigir “levar os livros para casa” para ter mais tempo de ler. E esse pedido fez com que a diretora provesse uma forma manual de empréstimo, liberando assim os livros para serem levados para casa o que causou contentamento não apenas dos alunos do sexto ano que estão sendo observados nessa pesquisa, mas de todos os demais alunos da escola.

Figura 29:Leitura compartilhada na Biblioteca Escolar. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.



A respeito da curiosidade que foi despertada nesses meninos carentes de informação, é possível verificar a afirmação de Roca:

A curiosidade aparece como o motor dos interesses pessoais e como motivação das possíveis aprendizagens. Dessa forma, é totalmente necessário que na escola se estimule a curiosidade ou que a desperte caso ela esteja adormecida. É preciso provocar nos alunos o desejo de aprender e incentivá-los à inquietação para formular perguntas. É preciso fazer isso junto com eles, acompanhando-os ao longo de toda a escolarização, ajudando-os a encontrar a tempos de reflexão e concentração em uma época na qual eles estão “superinformados” e “superexcitados” (ROCA, 2012 p.48-49).

Sendo a Biblioteca Escolar um centro cultural, formadora de leitores pensantes críticos, a mesma se debruça no descrédito que muitas pessoas dão a ela, extinguindo assim a sua função primordial dentro da sociedade da informação, que é a de tutora do conhecimento e do progresso social. Uma dessas desesperanças atribuídas à biblioteca foi vista durante a observação, quando uma monitora do Programa Mais Educação, que fora designada a auxiliar na biblioteca durante o período de pesquisa afirmou que “cultura é para os meninos de fora porque os meninos daqui não querem cultura”. A pior forma de segregação é justamente aquela que parte do segregado.

Como os meninos da Escola Armino Guarani não querem cultura, se não lhes foi dada a opção de vivenciar a cultura e fazer sua própria escolha? É uma visão negativa e divergente da ação desenvolvida, assim como a pobreza do comentário evidencia a cegueira da depoente em relação às atitudes dos estudantes diante da Biblioteca Escolar recém aberta. A biblioteca na escola é incentivadora desse progresso por ser detentora de uma vasta gama de informação e conhecimento. Porém, para que esse desenvolvimento possa fluir, a direção escolar e a orientação pedagógica precisam contemplar a Biblioteca Escolar no projeto político pedagógico e prever a existência de seus agentes e responsáveis.

Outra oposição que foi observada foi a resistência que ainda existe por parte da coordenação da escola em levar os alunos com horário vago para usufruírem da biblioteca. Na mente dos coordenadores, os alunos são muito “danados” e indo para biblioteca só vão “bagunçar” o que está arrumado. Os alunos recebiam a orientação ferrenha de não “mexerem em nada e de

não bagunçarem nada”, criando inibição e atrapalhando completamente a natureza do funcionamento da Biblioteca Escolar.

Figura 30: Pátio do Galpão. Alunos com horários vagos, proibidos de irem à Biblioteca Escolar, caminham pelo pátio excessivamente quente e ensolarado para brincar, buscando as áreas sombreadas. – **Fonte :** Arquivo pessoal da pesquisadora.



Este comportamento autoritário acabou assustando e reprimindo as necessidades informacionais dos jovens consulentes. Ao invés de medidas mandatárias, poderia ter ocorrido uma orientação mais coerente, após diálogo com a pesquisadora. Também é importante salientar que o funcionamento da Biblioteca Escolar requer arrumação constante, por isso é necessária a equipe na biblioteca, não a instrução repressiva que destrói o trabalho e torna o espaço arrumado e inútil.

Apesar da atenção concedida à essa pesquisa por parte da direção, houve mais um ponto que dificultou a observação do grupo de foco, que foi o choque com o calendário de provas durante o período de observação. E novamente foi posta de lado uma ferramenta vital em época de prova: a Biblioteca Escolar, que é um esplêndido recurso informacional que ajuda os alunos no momento do estudo e da avaliação.

Como mais um item de observação, devido à novidade da Biblioteca Escolar, a mesma ainda não se constituiu como um recurso pedagógico. Ou seja, não foi observada na Escola Armindo Guaraná a cultura de levar os alunos à biblioteca ou em liberá-los para frequentá-la entre os professores. Não foi observada a cultura de professor incentivar a ida de seus alunos à sala de leitura. Não é que os alunos da escola não mereçam “cultura” é que essa “cultura” nunca existiu antes na instituição, verificando-se que a equipe escolar não sabe como lidar com este novo recurso.

A partir do momento em que o Bibliotecário fizer parte do quadro de funcionários da Escola e o mesmo for inserido nas reuniões de corpo docente e de corpo diretivo e quando forem estabelecidas políticas-pedagógicas que justifiquem o uso continuado da Biblioteca Escolar, como

um poderoso recurso pedagógico, aí sim a cultura da informação e do conhecimento fará parte do cotidiano da Escola Estadual Armindo Guaraná.

4.2 Alterações Culturais Provocadas Pela Pesquisa-Ação

Depois da realização da ação interventiva na Biblioteca Escolar do Colégio Estadual Armindo Guaraná, assim como da observação do que se passou dentro do novo ambiente organizado, deu para perceber a verdade daquilo que Luís Milanesi sabiamente decretou de que, “informação é poder” confirmando assim sua tese de que (Milanesi, 2002 p.53) “a posse do conhecimento por um indivíduo pode definir a sua colocação na escala social.” A Biblioteca Escolar é uma detentora, verdadeira tutora deste poder, que é a informação e o conhecimento.

Às vezes a biblioteca é confundida com um museu em época de exposição de obras de arte, onde só se pode observar e nunca tocar. É esse o conceito que muitas das bibliotecas das redes públicas de ensino têm aplicado, deixando para trás a ideia óbvia de que biblioteca é vida, e vida em abundância, de que é conhecimento, e conhecimento crescente e perspicaz.

A questão é que muitas das vezes a Biblioteca Escolar é somente vista como um elemento físico, uma sala de guardar livros bem arrumados ou um local para castigar os alunos desobedientes ou baderneiros. Quando na verdade ela deve ser visualizada como um elemento educacional que colabora para o êxito da qualidade do ensino. Segundo Roca:

Alguém deve cuidar da biblioteca, em todos os seus aspectos materiais e ambientais, pois deve ser um ambiente acolhedor que convide, que seja adequado e decorado em função da idade dos alunos da escola. O coordenador da biblioteca tem um trabalho importante de atendimento e cuidado para manter esse ambiente vivo e organizado. Essa tarefa representa um serviço de grande valia à comunidade educacional (ROCA, 2012, p.34-35).

Este cuidador da Biblioteca é o profissional especializado, devidamente graduado na área da Ciência da Informação, ou seja, o Bibliotecário. Somente ele é quem poderá colocar a biblioteca para funcionar da forma mais bem planejada possível, transformando esse ambiente num favorecedor de práticas leitoras e de atividade intelectual. Mas, também são seus cuidadores os professores, os profissionais técnico-administrativos, os usuários alunos, os seus pais ou responsáveis. Enfim, “quem usa, cuida”, e a Biblioteca Escolar precisa ser cercada de cuidados para continuar crescendo de forma saudável e proveitosa e assim continuar viva e não morta, que é como se encontra a maioria das Bibliotecas Escolares nas Redes Públicas de Ensino.

Sendo a Biblioteca Escolar um centro de recursos informacionais, o salto da teoria à prática de seu uso real passa pela ação dos professores, que são os instigadores, estimuladores da curiosidade em seus alunos. Por esse motivo é que o educador da Biblioteca – o Bibliotecário –

deve vivenciar uma parceria harmônica com o educador da sala de aula – o professor – para que assim a Biblioteca Escolar possa por em prática o seu papel vital de incentivadora da competência leitora e do pensamento reflexivo. Roca ainda afirma que:

O responsável pela biblioteca é um profissional que colabora com os professores, apresentando-se como um especialista e um referencial a recorrer para as questões relacionadas aos conteúdos curriculares da leitura, da formação literária e da competência informacional (ROCA, 2012 p.20-21).

A partir do momento em que Bibliotecário e Professor falarem a mesma língua, a língua que edifica os alunos da sala de aula e os usuários da unidade informacional em seu crescimento intelectual, por intermédio do processo que transforma a informação – escrita – em conhecimento, contribuindo assim para a formação da competência leitora dos escolares.

Por se tratarem de centros de leitura por excelência, com sua diversidade de recursos informacionais, são as Bibliotecas Escolares “verdadeiras construtoras dos novos leitores e escritores do século XXI” como citado pela documentalista Gloria Durban Roca anteriormente, desde que transformem a promoção da leitura na escola não apenas em função cultural, mas sim numa função vital e social rumo ao progresso individual daquele aluno considerado autônomo: que lê, que pesquisa, que busca informação e a relaciona de forma crítica com outras informações procedentes de diferentes fontes, usufruindo assim da influência que os recursos informacionais existentes na Biblioteca Escolar exercem na vida dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma época onde o excesso e a facilidade à informação supera eras passadas, seja por intermédio da globalização que veio para derrubar o conceito da distância ou por intermédio de canais midiáticos como o televisivo, o radiofônico ou as redes sociais, que trazem muitos conceitos já pré-concebidos que são despejados diretamente dentro do cérebro daqueles que buscam insaciavelmente o saber, o conhecer, o novo.

Muitas das vezes uma enxurrada de informações é jogada dentro de nossas mentes, não sendo possível se filtrar ou saber discernir o que é real daquilo e de valor que é fictício e inútil, tornando-nos assim meros receptores fantoches nas mãos de controladores capitalistas que não desejam que sua audiência pense por si só, fazendo uso de autonomia própria na busca e aprendizagem do novo.

Para deixarmos de ser controlados por ideias já pré-definidas e incutidas em nossas mentes e passarmos a sermos seres pensantes e críticos do mundo em que vivemos, precisamos despertar, instigar dentro de nós o desejo de conhecer as coisas por nós mesmos, por intermédio da pesquisa, do interesse advindo da leitura constante de livros, jornais, revistas, histórias em quadrinhos, etc.

Quebrar as duras correntes das cadeias que nos aprisionam no “mundo do pré-concebido e do pré-concedido” é uma tarefa árdua, pois para tornar isso possível precisamos estimular nossas mentes a pensar, a ter curiosidade de conhecer sempre e sempre, nos libertando assim da cadeia do ócio físico e mental que corroem a alma e o espírito e que são impostas a nós de forma extremamente sutil pelos controladores “donos do poder”.

É a Biblioteca Escolar o berço dos futuros seres pensantes da sociedade intelectual e autônoma. Depois do processo de amamentação, são dados os primeiros passos rumo à eterna caminhada do desenvolvimento do intelecto e da visão e opiniões próprias de mundo inerentes à liberdade individual que cada um tem de saber as coisas por si mesmo, tornando-se assim seres livres de futuras manobras que o sistema venha a usar com o intuito de comandar nossos desejos.

Sendo a Biblioteca Escolar um potencial centro de excelência, por ser detentora de conhecimento em seus mais variados suportes, ainda assim, ela não é valorizada da forma que merece perante a sociedade educacional. Em especial aquelas que existem nas redes públicas de ensino, essas sim são menosprezadas tanto pelos governos quanto pela classe profissional inserida dentro das escolas, representadas por seus gestores e seu corpo docente.

A nível mundial, o Brasil é:

- 9º maior produtor de petróleo com 2.572.000 barris diários;
- 7º produtor de diamantes com 2,6% da produção mundial;

- 6ª economia do mundo com US\$ 2,616.986 trilhões no PIB;
- 5º em extensão territorial com 8.514.877 Km²;
- 5º mais populoso com 190.755.799 habitantes.

Somos um gigante, é verdade, e não paramos de crescer. Mas como explicar que nosso país, que vive uma fase de ascensão nunca vista antes e que tende a subir em novos pódios tenha uma educação pública tão deficiente?

De que não somos um país de leitores, disso já sabemos. Mas por que é que ainda não somos um país de leitores? Se já saímos do mundo do subdesenvolvimento e hoje habitamos entre os mais desenvolvidos? Será que esses indicadores não passam apenas de estatísticas e que só refletem seus efeitos na classe que é minoria nesse que é o quinto país mais populoso do mundo?

E num país em que se trabalha muito em troca de uma remuneração injusta, são grandes os impedimentos para democratizar a leitura e a educação. E esse comportamento é passado de geração a geração, aonde o pai que nunca frequentou uma Biblioteca em tempo algum poderá compartilhar essa experiência com seus filhos. E assim é gerada e vivida uma cadeia do desconhecimento.

Corre nas veias de nossos jovens estudantes a herança deixada por seus pais de não ter o costume, o hábito da leitura. Mas precisamos mudar esse quadro. Precisamos lutar em prol de uma Biblioteca Escolar viva e atuante, influenciando assim, por meio de seus recursos informacionais os jovens que ainda estão na doce e agradável fase do aprender.

Os jovens estudantes precisam descobrir que podem ter razões significativas para ler e escrever. Precisam entender que existe um bom motivo para frequentar uma biblioteca. Eles precisam desvencilhar-se do cordão umbilical que os liga a seus pais, limitando-os à ignorância que não foi vencida nem mesmo por seus antepassados. Iniciar uma nova jornada estudantil num ambiente deslocado e desorganizado é a mesma coisa que buscar concentração para realizar a leitura de um livro, dentro de uma casa noturna, com escuridão, fumaça, barulho ensurdecedor, ambiente difícil de trafegar. Ou seja: é impossível.

Nesta pesquisa, uma Biblioteca Escolar foi estruturada e organizada à partir de um conjunto de caixas e mobílias acumuladas na poeira. Os recursos informacionais já existiam, mas não era permitido seu uso pelos alunos. Após a limpeza e organização do acervo e mobiliário, a mesma foi posta para funcionar de forma gradativa.

Como resultado da observação, foi apresentada nesse trabalho uma peça-chave para a mediação de Leitura Escolar e de lazer neste ambiente social observado, que é o Professor, por ser ele o maior incentivador do hábito da leitura em seus alunos. O especialista ideal para desenvolver o trabalho profissional neste ambiente, junto aos professores, é o da área da Ciência da Informação – o Bibliotecário – que é destacado neste trabalho e está intimamente envolvido no processo. O

problema no desenvolvimento desta parceria é a visão distorcida do Professor em relação ao Bibliotecário, pois a Biblioteconomia e Documentação é campo de trabalho especializado, tanto quanto a Educação, mas ambos têm sido desenvolvidos de forma leiga e amadorística no Brasil, gerando imagens profissionais empobrecidas em ambos os ramos de exercício profissional.

Sendo o Brasil um país de leis, de muitas teorias, mas de pouca ou de quase nenhuma prática, as Bibliotecas Escolares continuam sem vez e sem lugar dentro das escolas, deixando assim de cumprir seu maior papel que é o de formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres por intermédio do acesso democrático à leitura e ao conhecimento das fontes de informação ali existentes.

É necessário que os cidadãos se mobilizem por mudanças significativas que ultrapassem a barreira da folha de papel onde se encontram essas tímidas leis e cheguem aos ambientes onde elas devem funcionar a todo vapor, tirando assim da obscuridade da ignorância aqueles que estão excluídos do acesso à informação e do conhecimento que são concedidos por intermédio do processo de ensino-aprendizagem e da prática cotidiana da leitura advindos da frequência à Biblioteca Escolar.

O texto da Lei 10.753 (BRASIL, 2003, Cap. I, Art. I, Incisos I, II e V) assegura o direito de acesso do cidadão ao livro e a leitura, afirmando que “o livro é meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento”. Contudo, a falta de equipamentos públicos voltados para a formação do leitor no Brasil demonstra que esta conceituação ainda está contida no texto magistral, longe da realidade da maior parte da população.

Fomos exortados por Roca (2012, p.14) a nos “imunizarmos contra o desânimo do progresso da Biblioteca Escolar” e continuar lutando juntamente com o Conselho Federal e Regionais de Biblioteconomia, Associações e Sindicatos de Bibliotecários e com os cursos de graduação em Biblioteconomia, em prol da efetivação dessas tímidas leis, com o intuito de serem postas em prática saindo do papel legal e se transformando em um verbo de ação.

A Biblioteca Escolar precisa de ações concretas e apoio dos cidadãos para avançar, e a luta em conjunto dos profissionais Bibliotecários pode ser o pontapé inicial para avançarmos rumo ao progresso e nos libertarmos de vez da “elitização da leitura e do livro e da prática da censura (...) que chegaram ao Brasil no início do período colonial” e que, ainda assim como foram confirmadas por Maroto (2009, p.131)

[...] hoje são as principais responsáveis pela ausência da tradição bibliotecária, especialmente nas escolas públicas da rede oficial de ensino do país, frequentadas pelas camadas populares oriundas das classes trabalhadoras menos favorecidas.

O que é preciso para se reconhecer a Biblioteca Escolar como útil e imprescindível no cotidiano escolar e estudantil? Existem planos de ação capazes de levar o aluno à biblioteca ou levar a biblioteca ao encontro do aluno? Como derrubar as barreiras impostas pelo costume social de que livros são para serem guardados ou estarem sempre arrumados e enfileirados e sempre intocáveis por seus usuários infanto-juvenis? Ou o costume de que o silêncio é que deve reinar na Biblioteca Escolar?

Ao atingirmos a trajetória final desta pesquisa de campo⁴ chegamos a algumas conclusões bem óbvias e a outras um tanto quanto absurdas e inadmissíveis.

Ao recapitularmos o objetivo geral exposto no início da pesquisa diagnosticamos que a influência da Biblioteca Escolar como fonte de recurso informacional entre os alunos-foco da observação realizada em campo foi o pivô das sérias mudanças comportamentais no processo ensino-aprendizagem pelas quais passaram esses alunos enquanto durou a pesquisa.

O acesso à unidade informacional causou um impacto surpreendente a esses excluídos da chamada “sociedade informacional”. Dos alunos que durante o período da pesquisa frequentaram a Biblioteca Escolar, todos disseram nunca ter frequentado a biblioteca com direito ao acesso à informação e que, das vezes que ali entraram foi para o que eles chamam de “assistir televisão”, ou seja, aulas expositivas. Nunca houve para esses alunos nenhum tipo de forma de acesso aos recursos informacionais, o que gerou euforia entre eles por estarem experimentando algo novo e bom: **a leitura num ambiente de leitura.**

Durante a pesquisa, foram estimuladas atividades dedicadas à leitura dos livros de literatura ficcional: livros de capa grossa e acolchoada, só de imagens, de pequenos contos, obras consagradas em quadrinhos, as próprias histórias em quadrinhos em si, poesia, romance, etc, com a intenção de iniciar os alunos à vida literária, desenvolvendo assim esse primeiro contato de forma que fosse escolhido somente o que os agradasse e de forma autônoma, mas acompanhando do auxílio de um profissional especializado.

Outra conclusão que a observação tornou possível foi a de que a mudança comportamental entre os alunos de sexto ano, que passaram a criar formas de “correrem à Biblioteca Escolar” escondidos de professores ou de coordenadores para poderem continuar uma leitura que tinham iniciado no horário de intervalo. A curiosidade dessas jovens crianças foi estimulada e elas passaram a usufruir do poder informacional que só uma Biblioteca Escolar com seus variados recursos informacionais podem conceber.

Concluimos também que o atendimento ao público sem um profissional da Biblioteconomia dentro da Biblioteca Escolar é de péssima qualidade. Os meninos são muito mal

⁴ Segundo Andrade (2005, p.127) Vale lembrar que as denominações “pesquisa de laboratório” e “pesquisa de campo” não se referem ao tipo ou às características da pesquisa, mas ao ambiente em que elas são realizadas.

atendidos, seja pelo professor que os leva até lá, seja pelos monitores que aqui ficam ou até mesmo pela coordenação. As crianças são marginalizadas, pois só o fato de eles adentrarem o ambiente, já é exigido de imediato que “fiquem quietos, calados e, de preferência, paralisados também”, tudo isso para que eles não deem trabalho. O aluno que ali entra não tem desejo de demorar muito ou de voltar por causa da rigidez com que é recebido.

Por isso é que há uma grande diferença de um ambiente repressor como esse sendo gerido por um Bibliotecário. Mas, não culpamos a esses profissionais que ficam “passando uma chuva” dentro da Biblioteca Escolar e “espetando” os alunos com palavras rudes. Não, a culpa não é deles, eles não sabem como lidar com esse tipo de usuário. Diferentemente do Bibliotecário que é especializado para esse tipo de trabalho: o de gerenciar a Biblioteca, a informação e atender aos usuários, segundo suas necessidades informacionais e seu perfil. O mesmo foi treinado numa academia de nível superior para isso.

Foi verificado concomitantemente que haveria uma melhora significativa caso houvesse um Bibliotecário à frente da unidade de informação, uma vez que o mesmo estudou quatro anos numa universidade para saber lidar com o ambiente e com seus frequentadores. Durante o tempo vigente da pesquisa, mudanças radicais foram verificadas por aqueles que ali entraram em busca de conhecimento. Isso porque havia ali um profissional com um conhecimento diferenciado do daqueles que só enxotavam os usuários: o profissional da área da Ciência da Informação. Haveria uma retenção consideravelmente significativa dentro da Biblioteca Escolar, se estivesse a frente dela o correto gerenciador da informação: o Bibliotecário.

A Biblioteca da Escola Armindo Guaraná serviu de laboratório social e educacional na formação do leitor, enquanto o profissional Bibliotecário estivera ali presente, na figura da pesquisadora. A mudança foi sentida inclusive por aquele que deve ser parceiro do Bibliotecário: o Professor. Foram vários docentes à busca de livros para levar à sala de aula, porque seus alunos queriam fugir da sala para ir à Biblioteca. Professores fizeram visitas à unidade informacional porque seus alunos estavam contagiados pelo que ali dentro existia: livros e mais livros. Professores combinaram atividades com seus alunos em datas posteriores dentro do espaço da Biblioteca Escolar. E não apenas isso, mas até mesmo professores buscaram para si próprios livros e leitura.

Ou seja, foi inferido nesta pesquisa que a Biblioteca Escolar é um centro de excelência que já explanado anteriormente, que torna seus usuários excelentes pesquisadores, formadores de opiniões próprias, autônomos portadores de conhecimento que os elevarão e os levarão a se sobressaírem bem em todas as problemáticas que surgirem em suas vidas, tendo sempre o dom de discernir por si só o certo do errado, e tomando sem dúvida alguma as decisões corretas.

Auxiliadora pedagógica, é assim que tem de ser vista e foi vista durante esta pesquisa a Biblioteca Escolar do colégio Armino Guarani. Ainda que a passos lentos, mas ela caminhou, ainda que com uns e outros levantando resistência, mas a Biblioteca Escolar chegou a cumprir seu papel de fomentadora do processo ensino-aprendizagem.

Se faz necessário expandir o valor real dessa unidade informacional dentro de uma escola, assim como se faz necessário aceitar que a Biblioteca Escolar é do aluno e é para o aluno e de que não é apenas um depósito guardador do conhecimento para ninguém.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- BARBALHO, Celia Regina Simonetti. et. al. (Org.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN, 2012.
- BARI, Valéria Aparecida. **Organização de bibliotecas escolares**: apostila disciplinar. Aracaju: NUCI/UFS – Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, 2013.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. **O papel da biblioteca escolar**: importância do setor no contexto educacional. Disponível em <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/24/24>>. Acesso em: 11 jan. 2014.
- BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Universalização da Biblioteca Escolar** (Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010). In: CORTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. *Biblioteca escolar*. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.
- BRASIL, Fundação Biblioteca Nacional. **PROLER**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em <<http://www.bn.br/proler/index.htm>> Acesso em: 29 dez. 2013.
- BRASIL, Presidência da República. **Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL** (Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011). Brasília: Gabinete da Presidência da República, 2007. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm> Acesso em: 22 jan. 2014.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 11 jan. 2014.
- BRASIL. **Lei 10.753** de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm> Acesso em: 20 fev. 2014.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei nº12.244** de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=240379&norma=261310>> Acesso em: 21 dez. 2013.
- CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CORTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.
- FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.8/9, p.35, 2003/2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GARCIA, Edson Gabriel. (Org.). **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GEBE, Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar da Universidade Federal de Minas Gerais. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para Bibliotecas Escolares.** Campinas: Autêntica, 2010. Disponível em < <http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/projetos/MIOLO.pdf> > Acesso em: 13 fev. 2014

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca escolar: um programa de atividades para o ensino fundamental.** 3. ed. Campinas: Autêntica, 2009.

MACEDO, Neusa Dias de. (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual.** São Paulo: SENAC, 2005.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar – 1999. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1999. Disponível em < <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf> >. Acesso em: 15 jan. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MILANESI, Luís. **Biblioteca.** 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial.** Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 259p.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. (Org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação.** 1. ed. Brasília: Thesaurus, 2007.

PROJETO MOBILIZADOR: Biblioteca Escolar – Construção de uma rede de informação para o ensino público. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB., 2008. Disponível em <http://www.crb8.org.br/UserFiles/File/Sistema%20CFB_CRB%20Projeto%20Mobilizador.pdf> Acesso em 7 jan. 2014.

RETRATOS da leitura no Brasil. 3. ed. Brasília: Instituto Pró-Livro, 2011. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ippl/publier4.0/texto.asp?id=48>> Acesso em: 13 jan. 2014.

ROCA, Glòria Durban. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola.** 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

SANTANA, Marcos Antonio de Azevedo. São Cristovão e o Grande Rosa Elze: o desafio da governança de duas cidades num só município. In: **Jornal do Dia.** Aracaju: Jornal do Dia, 21,22 e 24 abr 2012. Disponível em: <<http://thiagofragata.blogspot.com.br/2012/05/sao-cristovao-e-o-grande-rosa-elze-o.html>>Acesso em: 22 fev. 2014.

SERGIPE. Assembleia Legislativa de Sergipe. **Lei 2.824** de 18 de julho de 1990. Lei da Biblioteca Escolar do Estado de Sergipe. Publicado no Diário Oficial do dia 20/07/1990. Disponível em < http://www.al.se.gov.br/Detalhe_Lei.asp?Numerolei=7110 > Acesso em: 21 fev. 2014.

SERGIPE. Assembleia Legislativa de Sergipe. **Lei 6.580** de 06 de abril de 2009. Lei de Criação da Política Estadual do Livro de Sergipe. Publicado no Diário Oficial do dia 07/04/2009. Disponível em < http://www.al.se.gov.br/Detalhe_Lei.asp?Numerolei=7110> Acesso em: 21 fev. 2014.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da Biblioteca Escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.16, n.2, p.489-517, jul/dez., 2011.

SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível** 29. Ed. Campinas: Papirus, 2011.

ANEXO I

DIÁRIO DE OBSERVAÇÃO PESQUISA-AÇÃO – BIBLIOTECA DA ESCOLA ESTADUAL ARMINDO GUARANÁ

- ❖ 20.11.2013 das 07:00 às 10:30 horas
 - Arrumação do acervo.
 - Livro de tombo feito por voluntários do Mais Educação.
 - Coordenadora com ideias para a semana “Lendo no Recreio”.
 - Projeto de leitura: “Descobrimos Escritores” nome final do projeto ficará a critério dos alunos.
 - Alunos entrando na sala de leitura.
 - Professora de Educação Física gritando para os alunos: “você sabem que não podem ficar aqui, não sabem?”
 - Alunos retirados da biblioteca.
 - “Cultura é para os meninos de fora, porque os daqui não adianta, eles não querem nada” relata uma moça do mais educação.
 - As estagiárias da escola não vêem futuro para os alunos, eles são marginalizados.
 - Estagiárias disseram em unanimidade que não são como eu – que trabalha sem parar – pois elas não ganham por produção.
 - Armários provisórios destruídos pelo cupim, que estão contaminando os livros.
- ❖ 22.11.2013 das 07:00 às 10:00 horas
 - Os livros continuam sendo tirados das caixas.
 - Chegaram três bolsistas para ajudar, mas só uma produziu e as demais só enrolavam
 - A questão do retrabalho com os carimbos e com o tombo.
 - Não houve ainda contato com os alunos.
 - Um dos bolsistas reclama que “tá minando serviço” e se esquia do ambiente de trabalho para não fazer nada.
 - Fica clara a manifestação de descaso e desinteresse para com os livros da biblioteca.
 - Continuo realizando o trabalho de organizar a biblioteca a todo vapor.
 - Chegam duas auxiliares de serviços gerais. Falo com uma delas e peço que por gentileza ela limpe um local onde estou arrumando os livros e responde com tom exaltado que limpeza só quando chegar o aspirador de pó. A mesma continua exaltada e furiosa com a minha pessoa e pergunta se sou a bibliotecária que vai tirar todos os livros das caixas desnecessariamente. É iniciada uma discussão onde eu defendo o meu “por que” de estar retirando os livros da caixa e ela defende sua oposição ao meu trabalho.
 - A mesma opositora finda confirmando que há restrição à entrada dos alunos à biblioteca.
 - Finalizei a conversa esclarecendo que não pode haver restrição de acesso à Biblioteca Escolar. Citei os receios de furtos existentes na UFS e no IFS.
 - A coordenadora da manhã foi mais quem me deu apoio neste dia de hoje.
- 25.11.2013 das 07:00 às 10:30 horas.
 - Finalmente alunos entraram no ambiente da escola. Eles estão compartilhando informações e se envolvendo com os itens bibliográficos. Todos demonstram empolgação com tanta riqueza informacional das quais eles eram privados.
 - Agora as recém usuárias se reúnem em um canto da biblioteca, conversa e cantam as músicas de um livro folclórico do acervo.
 - No recreio apareceram mais usuários que foram orientados por mim e alguns disseram que nunca tinham entrado aqui.
 - Alunos do 5º e do 9º ano aparecem para fazer uma visita.

- ❖ 27.11.2013 das 07:00 às 10:30 horas
 - Hoje passei a manhã só arrumando os livros e sozinha.
- ❖ 06.12.2013 das 07:00 às 10:30 horas
 - A coordenadora resiste em trazer alunos com horário vago para a biblioteca.
 - Arrumação do acervo concluída.
 - Conversa com a direção e coordenação a respeito de trazer os alunos do 6º ano (as três turmas) do turno matutino. Promessas de que eles seriam inseridos aqui, na sala de leitura foram feitas mas com a ressalva de que os mesmos se encontram em época de revisão para as provas, pois dentro de oito dias essas mesmas provas serão aplicadas.
 - Direção e coordenação sempre atenciosas para com minha pesquisa, mas percebe-se que são despreparadas para utilizarem os muitos recursos educacionais e informacionais existentes dentro da biblioteca.
- ❖ 09.12.2013 das 07:00 às 10:30 horas
 - A diretora promete que dentro de pouco tempo os meninos do 6º Ano estarão aqui na biblioteca.
 - Os livros da biblioteca estão assim organizados: história, geografia, física, biologia, química, matemática, filosofia, sociologia, ciências, letramento alfabetização, educação, literatura, literatura, português, EJA, Inglês, Espanhol, Dicionários, Atlas, Mapas, Revistas.
 - Mobiliário que compõem a biblioteca: 2 armários, 1 com materiais de educação física e outro com um aparelho de som e outro com um aparelho de televisão; 03 mesas redondas de madeira ideais para estudo uma com três cadeiras e as outras duas com quatro cadeiras; 14 cadeiras de plástico; 01 mesa com gavetas para uso de retroprojeto; 02 TV's analógicas de 42 polegadas; 01 aparelho de som com duas caixas; 03 retroprojetores; 02 notebooks; 03 impressoras.
 - OI VELOX.
 - Alunos do 6º ano A chegam às 07:40 h. Todos se empolgam. Muitos dizem ser a primeira vez que entram na biblioteca, que antes não podiam entrar e não ser para assistirem filmes educativos passados pelas professoras. Muitos se enturmam, formam grupos.
 - A coordenadora entra e exige organização. Segundo a mesma, eles fazem uma baderna, bagunçam geral com os livros. Talvez por isso é que os gestores da escola não permitam o acesso dos alunos a esse ambiente.
 - A área mais procurada pelos alunos foi a área da literatura, especialmente a infantil, os gibis e os livros de terror. Foram procurados também revistas, dicionários, livros de Matemática e de Português.
 - Chegam os alunos do 6º ano B, mas só depois que os alunos do 6º A são retirados. Os mesmos falaram das mesmas privações que sofriam em acessar esse local de estudo
 - De cada dez alunos presentes nessa visita à biblioteca, apenas um ou dois dizem não gostar de ler.
 - A monitora do Mais Educação sentou-se na porta da biblioteca para privar os alunos de irem ao banheiro e voltarem à sala de leitura.
 - Essa segunda turma de visitantes não demonstraram tanta empolgação pela leitura como a primeira.
 - A monitora do Mais Educação exige de mim que só libere um aluno para ir ao banheiro e não mais de um.
 - A monitora do Mais Educação está tendo um pouco mais de trabalho porque os alunos do 6º Ano B estão loucos para sair da biblioteca.
 - Desta turma apenas uma aluna sentou-se na mesa, interessou-se profundamente por um determinado livro que fez anotações e perguntou se podia levar para casa.

- É chegado o horário do recreio e aparecem variados alunos na biblioteca interessados em especial pelas obras de literatura.

❖ 13.12.2013

- Depois de devidamente arrumada, a biblioteca recebe os alunos do 6º B e do 6º C para assistirem uma aula sobre a água.
- Uma das professoras falou a respeito de leitura. Projetos de leitura. A mesma enfatizou a questão da falta de profissional para gerenciar o material bibliográfico existente na escola.
- É para isso que usufruem da biblioteca como um local para se passar filmes didáticos.
- Mesmo com filmes, alunos buscam livros de literatura.
- Livros estão sendo emprestados.
- Um aluno de 9 anos disse “ adoro ler “ e fez de tudo para poder levar um Livro-Gibi para casa.
- Mais aulas para o 6º C por intermédio de retroprojektor.
- Os livros mais procurados são os romances.
- Meninas que escondem livros para lê-los vem buscá-los e descobrem que podem levá-los para casa.

❖ 13.12.2013

- Alunos que esconderam livros aparecem para lê-los.
- Minha meta hoje é separar livros finos por autor.
- Profª do 6ºB (Português) traz os alunos para se intrometarem com os livros.
- Muitos demonstram interesse e outros não.
- A professora teve resistência em divulgar o empréstimo.
- Meninos relatam mais uma vez “Olha! Eu nunca entrei aqui.”
- O canto dos livros serve também para funcionários que não querem trabalhar.

❖ 16.12.2013

- Parei para separar os romances por ordem alfabética de sobrenome de autor.
- Alunos que levaram livros na sexta-feira vieram devolvê-los.
- Alunos do 5º A se sobressaem em termos de empréstimo de livros. Uma professora traz seus alunos para lerem na biblioteca.
- Profª e Coordenadora resistem ao empréstimo de livros, o que esquiva e afasta do aluno o gosto pela leitura. E assim fica impossibilitada a oportunização da formação de leitores.
- Alunos fazem fila para levarem livros.
- Está acontecendo a eleição democrática para diretor da escola. O detalhe é que só há um único candidato: A antiga diretora Cláudia.

❖ 18.12.2013

- Um grande número de alunos fazendo empréstimo de livros e uma outra fila de tamanho considerável de alunos devolvendo-os.
- Diretora reclama da bagunça que os meninos fazem com os livros. Disse que vai conversar com os professores para pegarem e deixarem no mesmo lugar os livros. Eu disse que quanto à isso ela não precisava se preocupar pois eu me prontifico a arrumar.
- A coordenadora disse que é para eu colocar ordem nos alunos.
- O trabalho de empréstimo e devolução continua a todo vapor.
 - Alunos empolgados levam livros, leem e os devolvem.

❖ 06.01.2014

- Retorno às aulas após o recesso do final de ano.
- Jovens não aparecem à biblioteca.

- Três moças querem entrar, mas não para ler.
- Um aluno aparece pedindo um dicionário e leva 4 a pedido da professora.
- Alunos vem devolver livros.
- Alunos se interessam por Sherlock Holmes.